

Pedro Ferreira Gomes



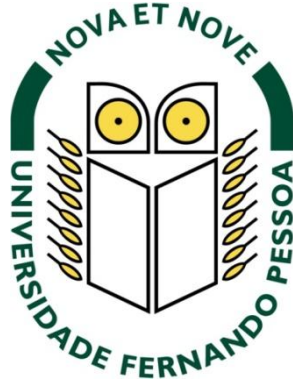
Psicadélicos Clássicos: *Setting* e Efeitos Subjetivos Agudos

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto

2023

Pedro Ferreira Gomes



Psicadélicos Clássicos: *Setting* e Efeitos Subjetivos Agudos

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2023

Psicadélicos Clássicos: *Setting* e Efeitos Subjetivos Agudos

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Professora Doutora Sónia Alves e Professor Doutor Nuno Pires.

Assinatura do aluno: _____

Sumário

O presente estudo concentra-se na análise da influência do contexto (*setting*) nas experiências subjetivas de consumidores de sub

stâncias psiquedélicas, com ênfase em dimensões como alterações da percepção, angústia, medo intenso, bem-estar, compaixão/empatia e outras sensações ou emoções difíceis e agradáveis. O objetivo principal é investigar se o *setting* em que a substância é consumida afeta a intensidade destas dimensões subjetivas durante a experiência psiquedélica e, se sim, de que forma. Além disso, pretendemos avaliar se as diferenças são estatisticamente significativas. Os dados foram recolhidos por meio de um inquérito *online* a 224 participantes que se voluntariaram a responder. Os participantes avaliaram a intensidade de várias dimensões das suas experiências em diferentes *settings*: retiros, sociais/recreativos, terapêuticos/clínicos e “outros”. A análise estatística incluiu o *Teste Qui-Quadrado de Pearson*. Os resultados demonstram que o *setting* exerce uma influência significativa na intensidade das "outras sensações ou emoções difíceis" durante a experiência com substâncias psiquedélicas. Em contextos de retiro e terapêutico/clínico, os participantes relataram uma intensidade "elevada" dessas sensações, enquanto em contexto social/recreacional, a intensidade foi "nada mais que o habitual". As demais dimensões da experiência, como alterações da percepção, angústia, medo, bem-estar, compaixão e empatia, não apresentaram diferenças significativas entre os contextos. Estes resultados realçam a importância de levar em conta o contexto ao avaliar e interpretar as experiências com substâncias psiquedélicas. Enquanto algumas dimensões da experiência são influenciadas pelo ambiente onde ocorre o consumo, outras permanecem consistentes, independentemente do contexto. Compreender estas nuances é fundamental para otimizar o uso terapêutico e recreativo destas substâncias,

bem como para criar ambientes seguros e benéficos para os consumidores. Além disso, esta investigação sublinha a necessidade de realizar estudos adicionais para aprofundar a forma como o contexto afeta as experiências psicadélicas, a fim de orientar de forma mais eficaz as práticas futuras relacionadas com estas substâncias.

Palavras-chave: Psicadélicos clássicos; *Setting*; Efeitos subjetivos agudos; Portugal.

Abstract

The present study focuses on the analysis of the influence of the setting on the subjective experiences of consumers of psychedelic substances, with an emphasis on dimensions such as alterations in perception, distress, intense fear, well-being, compassion/empathy, and other difficult and pleasant sensations or emotions. The main objective is to investigate whether the setting in which the substance is consumed affects the intensity of these subjective dimensions during the psychedelic experience and, if so, in what way. Additionally, we aim to assess whether these differences are statistically significant. Data was collected through an online survey from 224 participants who volunteered to respond. Participants evaluated the intensity of various dimensions of their experiences in different settings: retreats, social/recreational and therapeutic/clinical. Statistical analysis included Pearson's Chi-Square Test. The results demonstrate that the setting significantly influences the intensity of "other difficult sensations or emotions" during the experience with psychedelic substances. In retreat and therapeutic/clinical contexts, participants reported "high" intensity of these sensations, while in social/recreational contexts, the intensity was "no more than usual." The other dimensions of the experience, such as alterations in perception, distress, fear, well-being, compassion, and empathy, showed no significant differences between settings. These findings emphasise the importance of taking the setting into account when evaluating and interpreting experiences with psychedelic substances. While some dimensions of the experience are influenced by the environment in which consumption takes place, others remain consistent regardless of the setting. Understanding these nuances is essential for optimising the therapeutic and recreational use of these substances and for creating safe and beneficial environments for consumers. Furthermore, this research underscores the

need for further studies to delve more effectively into how the setting affects psychedelic experiences to better guide future practices related to these substances.

Keywords: Classic psychedelics; Setting; Acute subjective effects; Portugal.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha Professora e Orientadora Sónia Alves por todo o acompanhamento durante o meu percurso académico, bem como toda a dedicação, o empenho, a disponibilidade e a paciência demonstradas na concretização da conclusão da tese.

Ao Professor Nuno Pires, pelo apoio e orientação recebidos na elaboração da tese.

Um agradecimento, também, a todos os Professores com quem tive a oportunidade de aprender e trabalhar.

Ao meu amigo Renato que é uma pessoa espetacular porque se mostra sempre disponível e também sabe umas coisas.

Gostava também de agradecer a dois Professores que tiveram um especial cuidado comigo durante o meu percurso de ensino secundário, a Professora Isabel Figueiredo e o Professor Paulo.

Um especial agradecimento ao Doutor Osvaldo Rosário com quem tive a oportunidade de conversar muito e a felicidade de conhecer.

Gostaria de agradecer também à minha família pelo apoio todo que me deu e tem dado tornando possível o sonho de ser psicólogo.

Por fim, mas não menos importante, todas as pessoas que passaram na minha vida recentemente, que a tornam mais prazerosa e divertida.

Índice

Introdução	1
Parte I - Enquadramento Teórico	4
Capítulo I - Definição e mecanismos de atuação	5
1.1. Definição e mecanismos de atuação.....	5
1.2. Efeitos subjetivos agudos e efeitos a longo prazo.....	12
Capítulo II - Modelo da Investigação Clínica com Psicadélicos	18
2.1. Renascimento da investigação acerca dos psicadélicos.....	18
2.2. <i>Set e setting</i>	27
2.3. <i>Setting</i> e efeitos subjetivos agudos.....	29
Parte II - Estudo Empírico	41
Capítulo III - Parte Prática	42
3.1. Método.....	42
3.1.1. Participantes.....	43
3.1.2. Material.....	45
3.1.3. Procedimento.....	46
3.2. Apresentação de resultados e discussão.....	47
3.2.1. Identificar o <i>setting</i> no qual o consumo de drogas psicadélicas clássicas ocorre.....	47
3.2.2. Descrever os efeitos subjetivos agudos dessas experiências.....	51
3.2.3. Análise descritiva na verificação de existência de relação entre o <i>setting</i> e os efeitos subjetivos agudos.....	54
Conclusões	69
Referências	73
Anexos	86
Anexo A	87
Anexo B	90

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica.....	44
Tabela 2. Substância psicadélica consumida na experiência marcante	48
Tabela 3. <i>Setting</i> no qual ocorreu a “experiência marcante”.....	49
Tabela 4. <i>Setting</i> e a droga consumida.....	50
Tabela 5. Caracterização dos níveis de clareza, de intensidade e avaliação da experiência psicadélica marcante	51
Tabela 6. Descrição da intensidade dos efeitos subjetivos agudos da experiência psicadélica marcante.....	52
Tabela 7. Tabela cruzada entre o <i>setting</i> e as alterações da percepção (visuais, auditivas e olfativas)	56
Tabela 8. Tabela cruzada entre o <i>setting</i> e angústia.....	58
Tabela 9. Tabela cruzada entre o <i>setting</i> e o medo.....	60
Tabela 10. Tabela cruzada entre o <i>setting</i> e bem-estar.....	62
Tabela 11. Tabela cruzada entre o <i>setting</i> e a compaixão/empatia.....	64
Tabela 12. Tabela cruzada entre o <i>setting</i> e outras sensações ou emoções difíceis.....	66
Tabela 13. Tabela cruzada entre o <i>setting</i> e outras sensações ou emoções agradáveis.....	68

Lista de Abreviaturas

Abreviatura	Definição
Altered States of Consciousness Rating Scale	ASCRS
Ácido gama-aminobutírico	GABA
Ambiente estruturado	AE
Ambiente não estruturado	ANE
Challenging Experience Questionnaire	CEQ
Corona vírus	COVID-19
Dietilamida do ácido lisérgico	LSD
Dimetiltriptamina	DMT
Dextrometorfana	DXM
Food and Drug Administration	FDA
Metilendioximetanfetamina	MDMA
Mystical Experience Questionnaire	MEQ-30
Nicotine Dependence Syndrome Scale	NDSS
Perturbação de stress pós-traumático	PTSD
Psicoterapia assistida por psilocibina	PAP
Rapid eye movement	REM
Rede de Modo Padrão	DMN
Ressonância magnética funcional	fMRI
Tomografia por emissão de positrões	PET

Introdução

A investigação e o uso de substâncias psicadélicas têm sido temas complexos e controversos ao longo da história. Mesmo nos dias de hoje, embora tenham ganho alguma aceitação e compreensão, os psicadélicos permanecem no epicentro de debates sociais, políticos e científicos. A jornada dos psicadélicos clássicos, em particular, é uma narrativa fascinante de descoberta, interrupção e ressurgimento.

A história moderna dos psicadélicos clássicos teve início com a descoberta do LSD (dietilamida do ácido lisérgico) pelo químico suíço Albert Hofmann em 1943 (Nichols, 2016; Schultes et al., 2015). Esta substância singular abriu uma porta para a exploração das profundezas da mente humana. No entanto, a facilidade de produção e disseminação do LSD cedo se transformou num problema crítico de saúde pública. O uso indiscriminado e muitas vezes irresponsável do LSD levou a riscos para a saúde e à percepção pública de que os psicadélicos representavam uma ameaça real (Hartogsohn, 2016; Pollan, 2020). Em resposta a esta crise, muitos governos, a nível mundial, reagiram proibindo não apenas o LSD, mas também outros psicadélicos clássicos, classificando-os como substâncias controladas. Esta proibição, embora visasse mitigar riscos, acabou por criar uma lacuna significativa na pesquisa científica sobre psicadélicos durante décadas. O estigma e o medo associados ao seu uso levaram ao encerramento de laboratórios e à desconfiança da comunidade científica (Rucker et al., 2018).

No entanto, à medida que as décadas avançaram, houve uma crescente compreensão de que a proibição irrestrita dos psicadélicos era uma resposta excessiva. Além disso, a descoberta do potencial terapêutico dessas substâncias ressuscitou o

interesse científico. À medida que pesquisadores começaram a explorar a forma como os psicadélicos poderiam ser utilizados para tratar distúrbios psicológicos como o transtorno de stress pós-traumático e a depressão, emergiu um novo paradigma de estudo (Rucker et al., 2018).

Neste contexto, o papel do *set* e do *setting* emergiu como crítico, considerando-se *set* o estado mental e emocional do indivíduo que consome psicadélicos, enquanto *setting* engloba o ambiente físico e social no qual a experiência ocorre, bem como o apoio e a preparação fornecidos (Hartogsohn, 2016). Estas variáveis, antes consideradas pouco relevantes, agora são compreendidas como fundamentais para a segurança e para a experiência psicadélica em si (Johnson et al, 2008).

Este estudo concentra-se de forma específica no *setting* como uma variável de pesquisa fundamental. Procura explorar se o ambiente e o contexto podem influenciar os efeitos subjetivos agudos associados ao uso de psicadélicos clássicos. Ao fazê-lo, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda sobre como otimizar experiências psicadélicas positivas e seguras, bem como aumentar a base de conhecimento científico, em crescimento, numa área em constante expansão.

O renascimento da pesquisa científica nesse domínio representa uma oportunidade única de se aumentar o conhecimento acerca do potencial terapêutico destas substâncias, sem esquecer, contudo, o conhecimento importantíssimo que se perdeu durante décadas de proibição. Nesta nova era de exploração científica, é

imperativo investigar a fundo o papel do *setting* para garantir que as experiências com psicadélicos sejam não apenas significativas, mas também seguras e benéficas.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo I - Psicadélicos Clássicos

1.1. Definição e mecanismos de atuação

O termo "psicadélico" foi cunhado por Humphrey Osmond em 1957, com o intuito de descrever substâncias que possuem a capacidade de expandir a mente e revelar propriedades úteis ou benéficas das mesmas (Osmond, 1957). Os psicadélicos clássicos constituem um grupo de substâncias psicoativas que, quando consumidas, promovem alterações profundas, porém transitórias, da consciência, da percepção, do pensamento e da emoção. Essas substâncias incluem a psilocibina, encontrada em algumas espécies de cogumelos, a dimetiltryptamina (DMT), presente na bebida ayahuasca, a mescalina, encontrada nos catos peiote e san pedro, e a dietilamida do ácido lisérgico (LSD) (Santos et al., 2016).

Há quem considere que o uso destas substâncias poderá ser tão antigo quanto a própria humanidade. Os psicadélicos são substâncias que têm sido usadas ao longo da história por várias culturas em todo o mundo. Elas foram empregadas com propósitos espirituais, religiosos e medicinais. Muitas vezes, essas substâncias foram utilizadas em rituais para marcar transições importantes na vida das pessoas ou para procurar experiências espirituais significativas. Além disso, foram usadas com o objetivo de promover a cura, tanto a nível espiritual quanto físico (Caiulabate & Cavnar, 2014a; Johnson et al., 2008), isto apesar de a sua utilização ser bastante restrita e controlada a fim de evitar o consumo não ritualístico, com ênfase na prevenção de usos recreativos (Schultes et al., 2015; Weil, 2004).

Em meados do século XX, mais concretamente em 1938, o químico suíço Albert Hofmann sintetizou a dietilamida do LSD, o que é considerado como a origem da história moderna dos psicadélicos, como fora anteriormente mencionado (Nichols, 2016). Hofmann descobriu as propriedades psicoativas do LSD quando ingeriu acidentalmente uma pequena quantidade da substância em 1943 (Schultes et al., 2015). Isso levou ao uso generalizado do LSD em pesquisa e psicoterapia nas décadas de 1950 e 1960, com muitos cientistas e terapeutas a salientarem o seu potencial para tratar uma variedade de condições de saúde mental como a ansiedade, a depressão, a adição ao tabaco, entre outras (Nichols, 2016).

Será efetuada a seguir uma síntese concisa dos estudos conduzidos nas décadas de 60 e 70.

Um estudo pioneiro neste contexto foi o de Leary e colaboradores (1963), no qual os autores procuraram explorar as reações psicológicas e comportamentais de indivíduos saudáveis que receberam uma dose de psilocibina num ambiente seguro, confortável e de apoio. Os resultados do estudo revelaram uma ampla variedade de reações psicológicas e comportamentais. Muitos participantes relataram experiências psicadélicas intensas, incluindo alterações na percepção sensorial, distorções visuais, mudanças na percepção de tempo e sensação de expansão da consciência. Além disso, ocorreram mudanças significativas no pensamento e na experiência subjetiva. Os participantes também relataram um aumento na introspeção e na reflexão sobre questões pessoais e existenciais. Estas experiências foram frequentemente descritas como profundas e significativas, levando a *insights* e percepções sobre si mesmos e na vida em geral - como por exemplo, de “sermos todos um só organismo” e com “visões endeusadas”. Os autores concluem, ainda, que a qualidade do ambiente de apoio

desempenhou um papel crucial nas reações dos participantes. Um ambiente acolhedor, caloroso e empático foi considerado essencial para promover experiências positivas e reduzir a ocorrência de reações adversas.

Harman e colaboradores (1966) realizaram um estudo pioneiro sobre o uso de agentes psicadélicos na resolução criativa de problemas. O estudo contou com a participação de 27 estudantes de pós-graduação em áreas diversas, que foram divididos em dois grupos: um grupo experimental, que recebeu uma dose de uma substância psicadélica, e um grupo de controle, que recebeu um placebo.

Os participantes do grupo experimental foram submetidos a sessões individuais, onde receberam a substância psicadélica e foram solicitados a resolver problemas complexos. Após a resolução dos problemas, os participantes foram avaliados por um grupo de juízes independentes.

Os resultados do estudo indicaram que os participantes do grupo experimental apresentaram uma melhoria significativa na resolução criativa de problemas em comparação com o grupo de controle. Eles demonstraram maior originalidade, flexibilidade e fluência nas suas soluções.

Além disso, os participantes do grupo experimental relataram experiências psicadélicas intensas e alterações na percepção e na consciência durante as sessões. Eles descreveram uma sensação de ampliação da consciência, introspeção aprofundada e insights criativos.

Os resultados do estudo sugerem que o uso de substâncias psicadélicas pode ser uma ferramenta eficaz para a resolução criativa de problemas. Os participantes do estudo relataram que as experiências psicadélicas lhes permitiram ter novas perspectivas e insights sobre os problemas.

Num outro estudo, Pahnke (1970) investigou os efeitos do LSD no contexto de psicoterapia. O estudo foi realizado com 22 pacientes que sofriam de ansiedade associada a doenças terminais. Os pacientes receberam sessões de psicoterapia com LSD como um agente facilitador. A investigação foi realizada num ambiente seguro e supervisionada por profissionais experientes. Os resultados do estudo indicaram que o uso do LSD durante as sessões de psicoterapia impactou positivamente nos pacientes. Os participantes relataram uma diminuição significativa da ansiedade, melhoria no bem-estar emocional e uma maior aceitação da morte. Além disso, muitos pacientes descreveram experiências místicas e espirituais profundas durante as sessões, que foram consideradas transformadoras e de grande importância para o seu processo de tratamento. Pahnke (1970) também destaca a importância de um ambiente terapêutico adequado, com uma atmosfera de segurança, empatia e apoio, referindo que a qualidade da experiência dos pacientes durante a sessão de LSD era influenciada significativamente pelo contexto terapêutico. Paralelamente, salienta desafios e limitações, referindo a necessidade de um acompanhamento a longo prazo para avaliar a sustentabilidade dos efeitos terapêuticos do LSD e salientando a importância de uma seleção cuidadosa dos pacientes e a necessidade de uma preparação adequada antes das sessões.

A par dos resultados promissores que estes estudos de investigação revelavam, o LSD e outros psicadélicos ganharam popularidade, durante as décadas de 50/60, dentro do movimento da contra-cultura e o seu uso tornou-se associado à rebelião contra a sociedade dominante (Passie, 2018; Pollan, 2020). Isso levou ao aumento da preocupação pública sobre os potenciais efeitos negativos dessas substâncias e, posteriormente, à criminalização destas substâncias nos Estados Unidos da América

na década de 1970, tendo assim terminado a investigação (Nichols, 2016), que só mais recentemente (em 2006) foi retomada, como mais adiante irá ser referido.

O mecanismo pelo qual os psicadélicos atuam ao nível dos circuitos e redes neuronais é serotoninérgico e exercem a sua atividade primária ligando-se aos recetores 5-HT_{2A} no cérebro (Aghajanian & Marek, 1999). Esta ligação leva ao aumento da atividade no córtex pré-frontal, que está envolvido em processos cognitivos tais como atenção, perceção e memória de trabalho.

Além dos efeitos no recetor 5-HT_{2A}, os psicadélicos clássicos também têm efeitos indiretos noutros sistemas de neurotransmissores, como o da dopamina, do glutamato e do ácido gama-aminobutírico (GABA), com efeitos também na cognição e na perceção (Nichols, 2016; van Elk & Yaden, 2022). Como drogas psicoativas, os psicadélicos clássicos têm uma série de efeitos alucinogénios agudos, que vão desde alterações profundas da consciência, a experiências de dissolução do ego e experiências místicas. De acordo com Vollenweider e Kometer (2010) e van Elk e Yaden (2022), essas substâncias têm um efeito alucinogénio característico, produzindo experiências subjetivas intensas que podem incluir alterações da perceção sensorial, mudanças na consciência do tempo e do espaço, experiências místicas e introspetivas, entre outras.

Outro aspeto abordado por van Elk e Yaden (2022) é a influência do efeito dos psicadélicos na criatividade. O uso de psicadélicos pode aumentar a criatividade, promovendo a flexibilidade cognitiva, a divergência de pensamento e a associação remota de ideias. Esses efeitos podem ser atribuídos à ativação de regiões cerebrais

envolvidas no processamento da criatividade, como o córtex pré-frontal e o sistema límbico. Estes investigadores também discutem os efeitos dos psicadélicos no processamento emocional e na regulação emocional. Os psicadélicos podem facilitar a expressão emocional, permitindo uma reavaliação das emoções e promovendo mudanças positivas na percepção emocional. Esses efeitos podem ser relevantes para o tratamento de distúrbios psicológicos relacionados com a regulação emocional, como a depressão e o transtorno de stresse pós-traumático.

Os psicadélicos desencadeiam uma interação complexa entre os sistemas neuro-químico e o psicológico. Quando estas substâncias atuam em conjunto com os recetores cerebrais, provocam mudanças na atividade neural, desencadeando experiências psicológicas únicas. À medida que as substâncias alteram as redes neuronais, os pensamentos, as emoções e a percepção da realidade do indivíduo são reconfigurados, conduzindo a estados de consciência extraordinários. Sendo assim, é possível compreender-se como as mudanças no nível neuro-químico se traduzem em experiências psicológicas únicas.

van Elk e Yaden (2022) discutiram o conceito de "desorganização controlada" como uma possível explicação para as experiências psicadélicas, bem como a importância do contexto, das expectativas e da sugestibilidade na modulação dos efeitos, o que vai ao encontro da teoria de Carhart-Harris e colaboradores (2014). Carhart-Harris e colaboradores (2014) procuraram compreender a alteração dos estados de consciência e os mecanismos subjacentes durante o consumo de psicadélicos. Neste contexto, desenvolveram uma teoria baseada no conceito de entropia, que é uma medida de desordem ou incerteza num sistema. No cérebro, a

entropia refere-se à complexidade e variabilidade dos padrões de atividade neural. Em estados de consciência normais, há um equilíbrio entre ordem e desordem, permitindo uma percepção estável do mundo externo e uma identidade pessoal coerente. No entanto, quando os indivíduos são expostos a psicadélicos, o efeito de entropia ao nível do cérebro aumenta significativamente. Os psicadélicos perturbam os padrões regulares de atividade cerebral e permitem que o cérebro explore uma gama mais ampla de estados de consciência. Isso resulta numa maior flexibilidade e diversidade nas experiências subjetivas. De acordo com os autores, os efeitos dos psicadélicos que concorrem para essa entropia são observados em diferentes níveis. Em termos de conectividade cerebral, os psicadélicos reduzem a conectividade entre a Rede de Modo Padrão (DMN) e outras redes cerebrais, como a Rede de Atenção. Esta redução na conectividade sugere que os psicadélicos interrompem os padrões habituais de comunicação entre as regiões cerebrais, permitindo uma maior flexibilidade na forma como o cérebro processa informações. Além disso, os psicadélicos também afetam a percepção sensorial. Estes amplificam a percepção, tornando os estímulos sensoriais mais intensos e significativos. Isto pode levar a experiências sinestésicas, isto é, uma mistura de sensações, como ouvir cores, as palavras terem paladar, música com formas, e a uma apreciação mais profunda de estímulos visuais, musicais e artísticos.

A teoria do cérebro entrópico sugere que, em estados de consciência primários, como aqueles induzidos por psicadélicos, há um aumento na diversidade de estados. No entanto, antes de avançar com a teoria do cérebro entrópico, há que esclarecer o que são estados de consciência primários. Os estados de consciência primários são estados que exibem um maior repertório de padrões de conectividade do que a consciência normal em vigília. Estes estados são caracterizados por um nível mais elevado de entropia ou desordem no cérebro, o que permite uma maior multiplicidade potencial

de estados possíveis como, por exemplo, a experiência psicadélica, o sono REM-*Rapid Eye Movement* e a psicose precoce. Com base nisto, então, a teoria do cérebro entrópico sugere que a entropia do cérebro, ou nível de desordem, é um fator chave na determinação da nossa experiência consciente. A entropia é uma medida da desordem de um sistema. Um sistema com alta entropia é um sistema desorganizado, com muitas possibilidades diferentes. Um sistema com baixa entropia é um sistema organizado, com poucas possibilidades diferentes. Esta desordem é necessária para a criatividade e a inovação.

Os autores propõem que o estudo dos estados primários de consciência pode ajudar-nos a compreender melhor a base neural da consciência e a relação entre a entropia e a experiência consciente.

1.2. Efeitos subjetivos agudos e efeitos a longo prazo

Tal como atrás foi referido, os psicadélicos clássicos parecem induzir uma série de efeitos perceptivos, emocionais e cognitivos, incluindo alterações na percepção sensorial, no humor e nos processos de pensamento, respetivamente (Barret et al., 2018; Halpern & Harrison, 2003; Johnson et al., 2019; Santos et al., 2016). No entanto, importa detalhar os efeitos subjetivos agudos e os efeitos a longo prazo.

Em termos de efeitos subjetivos agudos, as alterações nas experiências sensoriais, tais como cores intensificadas, formas e tamanhos alterados dos objetos e padrões e texturas melhorados, são dos efeitos mais relatados e parecem ficar a dever-se à modulação da atividade em regiões de processamento sensorial no cérebro, tais como o córtex visual, como referem Turton e colaboradores (2014).

No que diz respeito aos efeitos a longo prazo, para além do impacto na introspeção do indivíduo, as substâncias psicadélicas clássicas também têm impacto nos processos cognitivos, pensando-se que estes efeitos estão relacionados com mudanças de atividade na DMN do cérebro, que está associado ao pensamento e à introspeção (Carhart-Harris et al., 2012a). De entre alguns destes efeitos, podemos destacar alterações no sentido de si próprio ou de identidade, bem como mudanças na capacidade de raciocinar, de tomar decisões e de se envolver em pensamento criativo (Aday et al., 2021).

A seguir, serão abordados diversos estudos sobre os efeitos subjetivos agudos dos psicadélicos clássicos.

Um estudo pioneiro que se debruçou sobre as mudanças de percepção e cognitivas, foi o de Strassman (1995) que explorou os efeitos do DMT, incluindo mudanças de percepção e cognitivas, em 12 voluntários saudáveis. O estudo investigou os efeitos subjetivos e psicofisiológicos do DMT, além da sua interação com o sistema serotoninérgico. Os participantes receberam DMT por via intravenosa num ambiente controlado. Isso resultou em efeitos psicadélicos intensos e de curta duração, incluindo alucinações vívidas, alterações na percepção do tempo e do espaço, conexões espirituais e estados emocionais intensos. Além disso, houve alterações fisiológicas, como aumento da frequência cardíaca e da pressão arterial. É importante notar que o estudo teve uma amostra pequena, composta principalmente por indivíduos saudáveis, o que limita a sua generalização.

Ainda ao nível das alterações cognitivas, nomeadamente da memória, Healy (2021) investigou os efeitos agudos dos psicadélicos clássicos na memória humana.

O objetivo do estudo foi examinar e agregar os achados de estudos experimentais, observacionais e qualitativos sobre a modulação aguda da memória por psicadélicos clássicos em humanos.

O autor realizou uma revisão sistemática da literatura, incluindo estudos publicados entre 1960 e 2020. Foram incluídos estudos que relatavam achados quantitativos e/ou qualitativos sobre os efeitos dos psicadélicos clássicos na memória.

Healy (2021) concluiu que os psicadélicos clássicos produzem comprometimentos dose-dependentes no desempenho de tarefas de memória, de modo que doses baixas não produzem comprometimento e doses mais altas produzem níveis crescentes de comprometimento. Este padrão foi observado em tarefas que avaliam a memória de trabalho espacial e verbal, a memória semântica e a memória episódica não autobiográfica.

No entanto, o autor também refere que os psicadélicos clássicos aumentam a vivacidade das memórias autobiográficas e frequentemente estimulam a recordação e/ou a re-experiência de memórias autobiográficas.

O autor conclui que os psicadélicos clássicos prejudicam, quando as doses são elevadas, o desempenho de tarefas de memória, mas podem melhorar a memória autobiográfica.

No seguimento do estudo de Healy (2021), também o estudo de Hirschfeld e colaboradores (2023) investigou as relações dose-resposta para as experiências subjetivas induzidas pelo LSD em humanos. Os autores realizaram uma meta-análise de 11 estudos, com um total de 1026 participantes. Os estudos incluídos avaliaram os

efeitos subjetivos do LSD usando escalas psicométricas padronizadas, como a *Altered States of Consciousness Rating Scale* (ASCRS) e a *Mystical Experience Questionnaire* (MEQ-30).

Os resultados da meta-análise mostraram que os efeitos subjetivos do LSD aumentam de forma dose-dependente, com doses mais altas produzindo efeitos mais intensos. Os efeitos mais fortemente modulados foram mudanças na percepção e imaginação ilusória, seguidas de dissolução do ego sentida de uma forma positiva, enquanto que apenas pequenos efeitos foram encontrados para ansiedade e medo do ego-dissolução.

Os autores concluem que as relações dose-resposta estabelecidas podem ser usadas como referências gerais para futuras pesquisas experimentais e clínicas sobre o LSD. Essas relações podem ser usadas para relacionar os efeitos subjetivos observados com os esperados e para elucidar as diferenças fenomenológicas entre os psicadélicos.

No que diz respeito aos efeitos a longo prazo, é possível verificar o reflexo destes efeitos no cérebro, tendo sido já realizados vários estudos com técnicas de imagem, incluindo a ressonância magnética funcional (fMRI) e a tomografia por emissão de positrões (PET), proporcionando insights sobre os circuitos cerebrais envolvidos nos efeitos dos psicadélicos e ajudam a compreender melhor os mecanismos subjacentes às experiências subjetivas relatadas pelos utilizadores.

Por recurso à fMRI, Carhart-Harris e colaboradores (2012b) examinaram as mudanças na atividade cerebral durante a administração de psilocibina em indivíduos saudáveis. Os participantes receberam uma dose intravenosa de psilocibina e foram submetidos a exames de fMRI durante o efeito da psilocibina.

Os resultados revelaram alterações significativas na atividade cerebral induzidas pela psilocibina. Uma das principais descobertas foi a presença de um estado de hiperconectividade cerebral, ou seja, uma maior conexão funcional entre regiões cerebrais que normalmente não estão fortemente conectadas. Especificamente, observou-se um aumento na conectividade entre a DMN e outras áreas do cérebro, como o córtex pré-frontal e o córtex cingulado posterior.

Além disso, os participantes relataram uma ampla variedade de efeitos subjetivos durante a experiência com psilocibina. Esses efeitos incluíram alterações na percepção visual, como intensificação das cores e distorções perceptivas, bem como experiências sinestésicas, por exemplo, ver cores na música, sentir sabores nas palavras, entre outras. Os participantes também descreveram mudanças no pensamento e na consciência, como pensamentos acelerados, reflexões introspectivas e uma sensação de expansão da consciência.

Por outro lado, num contexto não laboratorial, mas na área da psicoterapia, um estudo concretizado por Agin-Liebes e colaboradores (2020) investigou os efeitos duradouros da psicoterapia assistida por psilocibina (PAP) em pacientes com cancro potencialmente mortal. Os participantes receberam uma única sessão de PAP, seguida de acompanhamento durante 4 anos e 6 meses.

Os resultados revelaram que a PAP teve efeitos positivos significativos nos participantes a longo prazo. Os pacientes relataram reduções significativas nos sintomas de ansiedade, depressão e angústia existencial. Além disso, experimentaram um aumento geral no bem-estar psicológico, na qualidade de vida e no sentido de significado e propósito na vida.

No que diz respeito às mudanças na perspectiva e na atitude em relação à morte, os participantes descreveram uma diminuição do medo da morte e uma maior aceitação da mesma. Também relataram uma maior capacidade de viver o momento presente e de se envolver em relacionamentos significativos.

Os efeitos a longo prazo da PAP também foram observados no nível espiritual. Os participantes relataram uma maior conexão com algo maior do que eles próprios, uma sensação de unidade com a natureza e uma apreciação mais profunda da vida.

Os resultados deste estudo sugerem que a PAP pode ser uma abordagem promissora no tratamento de pacientes com cancro que enfrentam angústia psiquiátrica e existencial. Esta intervenção parece ter efeitos duradouros no bem-estar psicológico, na qualidade de vida e na perspectiva sobre a vida e a morte.

Apresenta-se ainda o resultado de três estudos recentes, que reúnem resultados relativamente aos efeitos subjetivos agudos e efeitos a longo prazo, um de Carbonaro e colaboradores (2016), outro de Carhart-Harris e colaboradores (2016) e um de Mason e colaboradores (2019), que investigaram os efeitos dos psicadélicos em humanos. Todos os estudos encontraram resultados semelhantes, sugerindo que os psicadélicos podem ter efeitos numa variedade de áreas, incluindo:

- Efeitos agudos:
 - ✓ Efeitos positivos: elevação do humor, euforia, intensificação da conexão emocional, aumento da criatividade, *insights* espirituais e uma sensação de transcendência;
 - ✓ Efeitos negativos: ansiedade, medo, confusão e desconforto emocional
- Efeitos a longo prazo:

- ✓ Efeitos positivos: mudanças positivas na personalidade, aumento da apreciação pela vida, maior bem-estar psicológico, melhorias nos relacionamentos interpessoais e um maior sentido de propósito e significado na vida
- ✓ Efeitos negativos: angústia emocional persistente, dificuldades interpessoais e desafios na integração das experiências psicadélicas nas vidas diárias

Conforme se pode constatar, estes estudos destacam a natureza paradoxal no indivíduo, decorrente da aplicação das substâncias psicadélicas. Por um lado, os psicadélicos podem levar a experiências altamente positivas, expansivas e transcendentais. Por outro lado, podem ser imprevisíveis e variar consideravelmente entre os indivíduos. Uma maneira de mitigar esta variância será através do controle adequado da dose, do *set* e do *setting* (MacLean, et al., 2011; Studerus et al., 2012; Hartogsohn, 2016), resultados corroborados também pelos estudos realizados por Healy (2021) e por Hirschfeld e colaboradores (2023), já referidos anteriormente. Ao ajustar estes elementos de forma consciente e responsável, é possível promover uma experiência e uma terapia mais segura e gratificante com estas substâncias.

Capítulo II - Modelo da Investigação Clínica com Psicadélicos

2.1. Renascimento da investigação acerca dos psicadélicos

Tal como foi sendo aqui referido, tem-se assistido nos últimos anos ao ressurgimento do interesse na utilização de substâncias psicadélicas clássicas, tais como o LSD, a psilocibina e a mescalina, para fins clínicos/terapêuticos. Este interesse renovado deve-se em grande parte aos resultados promissores de estudos recentes que sugerem que estas substâncias podem ter aplicações terapêuticas para

uma série de problemas de saúde mental, incluindo depressão, ansiedade e dependência (Carhart-Harris & Goodwin, 2017).

Com base na revisão da literatura, a investigação relativa aos psicadélicos clássicos ressurgiu no final do século XX e no início do século XXI, com um foco particular na sua aplicação em psicoterapia. Um marco importante para essa mudança foi a aprovação em 2006 pela *Food and Drug Administration* (FDA) dos Estados Unidos da América de um estudo que utilizava psilocibina no tratamento da ansiedade em doentes com cancro terminal (Griffiths et al., 2016), o que serviu de catalisador para a ampliação das investigações clínicas focadas no potencial terapêutico inerente a tais substâncias. Desde então, a investigação tem mostrado resultados bastante promissores do uso de psicadélicos no tratamento de perturbações como a depressão, a perturbação de stress pós-traumático (PTSD) e a dependência química (Johnson et al., 2014; Carhart-Harris et al., 2018; Davis et al., 2021). Paralelamente, o ressurgimento da pesquisa foi acompanhado pelo interesse das neurociências e pelo desenvolvimento de estudos que procuravam compreender como é que as substâncias psicadélicas podem alterar a perceção e a consciência humana (Carhart-Harris et al., 2016; Nichols et al., 2016).

Neste contexto, é importante analisar estudos específicos que abordam a utilização de psicadélicos clássicos em ensaios clínicos com populações saudáveis, bem como a sua relação com dependência, ansiedade e depressão. Ao explorar esses artigos, podemos obter uma compreensão mais aprofundada sobre o potencial terapêutico e os riscos associados ao uso destas substâncias em diferentes contextos clínicos.

É importante ressaltar que a pesquisa nesta área está em constante evolução e os resultados dos estudos devem ser interpretados com cautela. No entanto, estes estudos representam um avanço significativo no campo da psicoterapia assistida por psicadélicos e podem fornecer *insights* valiosos para o desenvolvimento de abordagens terapêuticas inovadoras e potencialmente eficazes para condições de saúde mental.

No segmento a seguir, explorar-se-á uma série de estudos, alguns deles ensaios clínicos, que procuram estudar a eficácia da psicoterapia assistida por psicadélicos junto de adultos saudáveis e no tratamento de uma série de quadros clínicos (depressão resistente ao tratamento, ansiedade, dependência de álcool e de drogas e perturbação de stresse pós-traumático).

No que diz respeito à população saudável, Carbonaro e colaboradores (2020) e Wießner e colaboradores (2023) investigam os efeitos dos psicadélicos clássicos na experiência subjetiva e na linguagem, respetivamente. Carbonaro e colaboradores (2020) investigaram as características subjetivas da experiência com psilocibina que podem explicar a razão pela qual os seres humanos a autoadministram (sem receita médica ou supervisão de um profissional de saúde), comparando-a com a dextrometorfana (DXM), outra droga que produz efeitos alucinogénicos. Wießner e colaboradores (2023) investigaram os efeitos do LSD na conectividade estrutural do cérebro, na similaridade semântica e no vocabulário de indivíduos saudáveis.

Carbonaro e colaboradores. (2020) descobriram que os participantes que receberam psilocibina apresentaram pontuações mais altas em nove domínios de efeitos subjetivos: gosto, efeitos visuais, humor positivo, *insight*, efeitos sociais

positivos, aumento da consciência da beleza (visual e musical), admiração, significância e experiência mística. Estes domínios foram identificados como os principais motivos que levam à autoadministração da psilocibina, pois estão associados a experiências positivas e gratificantes.

Wießner e colaboradores (2023) concluem que o LSD diminui a conectividade estrutural entre algumas regiões do cérebro, aumenta a similaridade semântica das palavras usadas pelos participantes e altera o seu vocabulário. Essas alterações foram consideradas relevantes para os efeitos subjetivos do LSD, como a alteração da percepção, a intensificação das emoções e a experiência de sinestesia.

Os dois artigos fornecem evidências concretas e significativas de que os psicadélicos clássicos possuem a capacidade de afetar profundamente não só a experiência subjetiva, mas também a linguagem dos indivíduos. Isso significa que estas substâncias podem ter um impacto significativo na forma como as pessoas se comunicam entre si e interpretam o mundo ao seu redor. A nível intrapessoal, os psicadélicos podem ajudar as pessoas a identificar os seus sentimentos e sensações de forma mais precisa e elequente. Isso pode ser benéfico para o desenvolvimento pessoal e para a resolução de problemas emocionais. A nível interpessoal, os psicadélicos podem ajudar as pessoas a expressar-se de forma clara e a observar o mundo, tanto interno como externo, com uma perspetiva diferente e mais positiva. Isso pode levar a relacionamentos mais saudáveis e a uma maior compreensão do mundo ao nosso redor.

No âmbito do estudo da dependência, dois estudos recentes exploraram o potencial terapêutico da psilocibina e o uso de psicadélicos clássicos no contexto da dependência de tabaco. O estudo de Johnson e colaboradores (2014) concentrou-se na

avaliação do potencial terapêutico da psilocibina como uma abordagem para auxiliar na superação da dependência de tabaco. Por outro lado, o estudo realizado por Jones e colaboradores (2022) teve como objetivo analisar se o uso ao longo da vida de psicadélicos clássicos, nomeadamente *tryptamina*, *lysergamide* e fenetilamina, está correlacionado com uma menor probabilidade de dependência atual de nicotina.

No estudo de Johnson e colaboradores (2014), a ênfase recaiu na avaliação da segurança e viabilidade da inclusão da psilocibina como parte integrante de um programa de cessação do tabagismo. Já o estudo de Jones e colaboradores (2022) investigou as associações entre o uso de psicadélicos clássicos e diversos aspetos da dependência de nicotina, abrangendo múltiplos subdomínios de uma medida central de avaliação dessa dependência, denominada *Nicotine Dependence Syndrome Scale* (NDSS).

Neste estudo de Johnson e colaboradores (2014), foram administradas doses moderadas e altas de psilocibina, como parte de um programa estruturado para ajudar fumadores dependentes de nicotina a deixar de fumar. A amostra incluiu 15 fumadores psicologicamente saudáveis com uma longa história de tabagismo. A maioria dos participantes conseguiu atingir uma abstinência de sete dias após seis meses de tratamento, com uma taxa de 80%. Esta taxa superou consideravelmente as taxas comuns associadas a outras terapias. Embora o desenho aberto do estudo não permita tirar conclusões definitivas, os resultados sugerem que a psilocibina pode ser um complemento eficaz aos métodos de cessação do tabagismo tradicionais.

Já no estudo de Jones e colaboradores (2022), uma ampla amostra de 214 505 adultos foi analisada entre os anos de 2015 a 2019. Foram aplicados modelos estatísticos para investigar a relação entre o uso de psicadélicos clássicos ao longo da vida e a dependência atual de nicotina. Os psicadélicos considerados incluíam

psilocibina, peiote, mescalina e LSD. Os resultados revelaram que o uso vitalício de psilocibina, peiote e mescalina estava associado a uma menor probabilidade de dependência de nicotina, enquanto o uso de LSD estava associado a uma maior probabilidade de dependência.

Relativamente à ansiedade, dois estudos recentes parecem permitir salientar os efeitos positivos dos psicadélicos, particularmente da psilocibina e do LSD, na saúde mental e no comportamento social.

O primeiro estudo, realizado por Kiraga e colaboradores (2022), concentrou-se nos efeitos da psilocibina sobre a ansiedade em indivíduos auto-declarados saudáveis. Durante esta pesquisa, 52 participantes completaram partes da avaliação inicial, 46 completaram as avaliações na manhã seguinte à cerimónia e 23 completaram as avaliações no seguimento de uma semana. O consumo médio de psilocibina entre os indivíduos foi de 27.1 mg. Os indivíduos que participaram em cerimónias envolvendo o uso de psilocibina foram submetidos a avaliações que incluíram medidas de ansiedade estado e traço, atenção plena e traços de personalidade. Os resultados revelaram uma redução significativa nos níveis de ansiedade, tanto estado quanto traço, que persistiu até uma semana após a cerimónia. Além disso, observou-se um aumento na capacidade de "não julgar" associada à atenção plena e uma diminuição no traço de personalidade conhecido como neuroticismo, uma semana após a cerimónia. Esses resultados sugerem que a psilocibina, quando administrada em um ambiente de apoio, pode ter efeitos ansiolíticos duradouros e positivas mudanças na personalidade.

O segundo estudo, conduzido por Duerler e colaboradores (2020), investigou os efeitos do LSD na adaptação social. Neste estudo, 80 participantes saudáveis foram

submetidos à administração de LSD ou um placebo e, em seguida, participaram numa tarefa de conformidade social. Os resultados revelaram que o LSD aumentou a adaptação social a opiniões semelhantes às suas próprias. Além disso, o estudo forneceu evidências de que esse efeito estava relacionado com a estimulação dos recetores de serotonina.

No que diz respeito à depressão, Carhart-Harris e colaboradores (2021) investigaram a eficácia da psilocibina em comparação com o escitalopram no tratamento da depressão.

O estudo foi um ensaio clínico aleatório e controlado, no qual os participantes foram divididos em dois grupos: um grupo recebeu psilocibina em doses terapêuticas, enquanto o outro grupo recebeu escitalopram, um medicamento usado no tratamento da depressão. Os participantes incluídos no estudo eram adultos diagnosticados com depressão moderada a grave.

Os resultados mostraram que tanto a psilocibina como o escitalopram resultaram em melhorias significativas nos sintomas de depressão ao longo do período de acompanhamento de seis semanas. No entanto, a psilocibina demonstrou uma taxa de resposta e remissão dos sintomas maior em comparação com o escitalopram. Além disso, os efeitos da psilocibina foram mais rápidos, com melhoria acentuada já na primeira semana após a administração.

Os resultados deste estudo sugerem que a psilocibina pode ser uma opção promissora no tratamento da depressão, oferecendo benefícios potenciais em termos de eficácia e rapidez de ação em comparação com o tratamento convencional com escitalopram.

Goodwin e colaboradores (2023) exploraram os efeitos de uma única dose de psilocibina no tratamento da depressão major resistente a outros tratamentos. Este ensaio clínico multicêntrico e aleatório envolveu 233 adultos diagnosticados com depressão major resistente a pelo menos dois tratamentos antidepressivos anteriores.

Os resultados deste estudo revelaram que a administração da psilocibina produziu melhorias significativas nos sintomas de depressão e ansiedade dos participantes, bem como na sua função e qualidade de vida. Os efeitos positivos foram observados logo após a administração da dose única de psilocibina e persistiram por várias semanas após o tratamento.

Mithoefer e colaboradores (2016), por sua vez, realizaram ensaios clínicos recentes que avaliaram o uso da psilocibina no tratamento da depressão resistente ao tratamento. Nesses ensaios clínicos, observaram melhorias significativas nos sintomas depressivos e na qualidade de vida dos pacientes.

Por fim, Agin-Liebes e colaboradores (2021) estudaram os efeitos do uso naturalístico da mescalina nas melhorias psiquiátricas auto-relatadas (depressão, ansiedade, PTSD e perturbações relacionadas com o consumo de álcool e de drogas) e nas mudanças positivas duradouras na vida dos indivíduos. O estudo foca-se em compreender como o uso da mescalina pode impactar a saúde mental e o bem-estar geral. A pesquisa foi conduzida através de um questionário *online* preenchido por participantes que relataram ter usado mescalina em um contexto natural, ou seja, fora de um ambiente clínico ou controlado. Os participantes foram solicitados a avaliar os efeitos da mescalina em diversos aspetos, como sintomas psiquiátricos, bem-estar subjetivo, satisfação com a vida e mudanças positivas na vida em geral. Os resultados

do estudo revelaram que o uso naturalístico da mescalina foi associado a melhorias psiquiátricas auto-relatadas. Os participantes relataram redução nos sintomas de ansiedade e depressão, além de um aumento geral na sensação de bem-estar e satisfação com a vida. Além disso, eles também relataram mudanças positivas duradouras em diferentes áreas da vida, como nas relações interpessoais, no sentido de propósito e na apreciação da natureza. Os efeitos positivos observados no estudo sugerem que o uso naturalístico da mescalina pode ter um impacto significativo na saúde mental e no bem-estar dos indivíduos. No entanto, é importante ressaltar que a pesquisa se baseou em auto-relatos, o que pode estar sujeito a imprecisões de memória e a alguma subjetividade.

Além disso, o estudo destaca que o uso da mescalina foi associado a uma taxa muito baixa de efeitos adversos graves. Isso sugere que, quando utilizada de forma responsável e em um ambiente adequado, a mescalina pode ser segura e bem tolerada.

Apesar da sua longa história de uso e potenciais benefícios terapêuticos, os psicadélicos clássicos permanecem altamente regulamentados e ilegais na maioria dos países (Johnson et al., 2019). No entanto, a pesquisa sobre o seu potencial terapêutico tem aumentado nos últimos anos, e já vários estudos mostraram resultados promissores no tratamento de depressão, ansiedade e outras condições de saúde mental (Johnson et al., 2019), o que tem levado países (como a Austrália) e alguns estados dos EUA (como Oregon) a permitirem a sua utilização em contexto clínico. Não obstante, é necessária mais investigação para compreender plenamente os potenciais benefícios e riscos destas substâncias e para determinar como podem ser utilizadas de forma segura e eficaz num contexto terapêutico.

2.2. *Set e setting*

Conforme foi sendo referido, o *set* e o *setting* são fundamentais para se compreenderem as experiências psicadélicas e maximizarem os benefícios terapêuticos dos psicadélicos clássicos.

Segundo Hartogsohn (2016), o *set* diz respeito à disposição mental, crenças, expectativas e o estado emocional do indivíduo que participa na experiência psicadélica. Estes fatores influenciam a interpretação dos efeitos da substância psicadélica e podem modular a intensidade e a natureza da experiência. O autor destaca que a atitude e as expectativas podem desempenhar um papel significativo na resposta ao placebo em estudos com psicadélicos.

O *setting*, por sua vez, engloba o ambiente físico, social e emocional em que a experiência psicadélica tem lugar. Isto inclui o local onde a sessão ocorre, a presença de terapeutas ou guias, a atmosfera, a música, a iluminação e outros elementos que compõem o ambiente durante a experiência. O *setting* pode influenciar a percepção, as emoções e a interpretação dos estímulos psicadélicos, bem como afetar a sensação de segurança e a qualidade da experiência (Hartogsohn, 2016).

De acordo com Carhart-Harris e colaboradores (2018), o *setting* desempenha um papel crucial na forma como as experiências com os psicadélicos são interpretados e integrados pelo indivíduo. Um ambiente seguro, acolhedor e bem preparado pode promover uma experiência positiva, aumentando a sensação de segurança e conforto. Por outro lado, um ambiente desfavorável, ameaçador ou desconfortável pode levar a uma experiência negativa ou desafiadora. Paralelamente, salientam a influência do contexto cultural na experiência com psicadélicos, na medida em que o sistema de

crenças, valores e rituais presentes numa determinada cultura podem moldar a interpretação e o significado atribuído à experiência psicadélica.

Neste sentido, Carhart-Harris e colaboradores (2018) enfatizam que a compreensão e a consideração cuidadosa do contexto são fundamentais para maximizar os benefícios terapêuticos e minimizar os riscos associados aos psicadélicos. Eles sugerem que o desenvolvimento de diretrizes e protocolos adequados para o uso de psicadélicos, tendo em conta o *set* e o *setting*, é essencial para garantir uma abordagem segura e eficaz.

Os contextos em que ocorre o consumo de psicadélicos clássicos apresentam variações distintas, cada um com seus benefícios e riscos particulares. Neste contexto, delinearemos as descrições dos cenários previamente mencionados.

O *setting* de retiro, em geral, desenrola-se em ambientes naturais ou em locais de culto, como igrejas, nos quais os participantes são acompanhados por guias experientes. Durante tais retiros, é comum envolver elementos como cânticos, danças rituais ou períodos de meditação em completo silêncio (Caiulabate & Cavnar, 2014b; Perkins et al., 2021; Pontual et al., 2022).

O consumo de psicadélicos clássicos em contextos sociais, por outro lado, ocorre frequentemente em ambientes festivos, como festas ou encontros entre amigos que já têm experiência prévia com essas substâncias (Hartogsohn, 2017).

Por fim, o contexto clínico refere-se ao uso de psicadélicos clássicos em terapias assistidas. Em ambientes terapêuticos, os psicadélicos são usados como apoio a tratamentos e são administrados por profissionais de saúde qualificados (Carhart-Harris & Goodwin, 2017; Griffiths et al., 2016; Johnson et al., 2008; Johnson et al., 2016; Mason et al., 2019; Pahnke, 1970).

2.3. *Setting* e efeitos subjetivos agudos

Imagine-se numa viagem ao desconhecido. Não sabe para onde vai, o que vai encontrar ou como se vai sentir. Está apenas pronto/a para a experiência.

Esta é uma boa analogia para descrever os efeitos subjetivos agudos de substâncias psicadélicas. Quando consumimos estes compostos, estamos a alterar a nossa consciência de forma significativa. Isso pode levar-nos a uma variedade de experiências, desde as mais positivas e transformadoras até as mais desafiadoras e perturbadoras.

O *setting* em que consumimos substâncias psicadélicas pode ter um impacto significativo nos efeitos subjetivos. Um *setting* seguro e confortável pode ajudar a promover uma experiência positiva, enquanto um *setting* desconfortável ou ameaçador pode aumentar o risco de uma experiência negativa, como acabou de ser referido. Com base nisto, vamos “viajar” pelos estudos seguintes sobre quão relevante é/pode ser o *setting*.

Sepeda e colaboradores (2020) procuraram estudar a relação entre o *set* e o *setting* no uso do 5-MeO-DMT e os efeitos agudos e duradouros da substância utilizando um contexto estruturado (seguro, com música calma e presença de assistentes) e outro não estruturado (sozinhos ou com amigos).

Um total de 20 participantes saudáveis foram recrutados para um estudo duplo-cego, controlado por placebo. Os participantes foram selecionados aleatoriamente para receber uma dose única de 5-MeO-DMT (15 mg) ou placebo. Os participantes foram avaliados usando uma variedade de medidas de autoavaliação, incluindo o MEQ-30 e o *Challenging Experience Questionnaire* (CEQ).

Os resultados deste estudo indicam que a utilização de 5-MeO-DMT num ambiente estruturado (AE) está associada a experiências mais intensas e positivas em comparação com a utilização num ambiente não estruturado (ANE).

Este facto foi evidenciado através de várias conclusões:

- Os participantes do grupo AE obtiveram pontuações significativamente mais elevadas no MEQ-30, que avalia a intensidade e a qualidade da experiência mística.

- A proporção de participantes que vivenciaram uma experiência mística completa foi significativamente superior no grupo AE (83%) em comparação com o grupo ANE (54%).

- Os participantes do grupo AE também apresentaram pontuações significativamente mais elevadas nas medidas de efeitos duradouros (ou seja, significado, espiritualidade e bem-estar), bem como uma menor intensidade de experiências desafiadoras, em comparação com os participantes do grupo ANE.

Estes resultados sugerem que o contexto no qual o 5-MeO-DMT é utilizado pode exercer um impacto significativo nos efeitos. Um ambiente estruturado, que pode incluir segurança e apoio, juntamente com a presença de um facilitador experiente, pode contribuir para promover experiências mais positivas e duradouras.

Em contexto psicoterapêutico, dois estudos recentes investigaram os efeitos psicológicos e de bem-estar sob o efeito dos psicadélicos (Ketner et al., 2021) e a relação entre o contexto e o *setting* em que os psicadélicos são consumidos (Perkins et al., 2021).

O estudo de Kettner e colaboradores (2021) investigou a ligação entre a experiência intersubjetiva, ou seja, a sensação de conexão e comunhão partilhada com os outros, durante sessões de grupo com psicadélicos e os efeitos terapêuticos a longo

prazo. O estudo foi realizado numa clínica especializada em psicoterapia assistida por psicadélicos, onde a psilocibina foi administrada aos participantes. Os resultados revelaram que a intensidade da experiência intersubjetiva durante as sessões de grupo com psicadélicos estava positivamente relacionada com mudanças positivas duradouras no bem-estar psicológico e na conectividade social.

O estudo de Perkins e colaboradores (2021) investigou a influência do contexto e do *setting* nas consequências para a saúde mental e bem-estar de indivíduos que consomem ayahuasca. O estudo foi conduzido através de um questionário *online* com 6877 participantes de diversos países. Os resultados revelaram que a presença de supervisão adequada, um ambiente seguro, uma clara intenção para a experiência e uma preparação adequada, juntamente com o respeito pelas tradições culturais, estavam associados a resultados positivos em termos de saúde mental e bem-estar dos consumidores.

Os resultados dos dois estudos são consistentes entre si e sugerem que o contexto e o *setting* em que os psicadélicos são consumidos podem desempenhar um papel importante na determinação dos seus efeitos.

O estudo de Kettner e colaboradores (2021) sugere que a experiência intersubjetiva, ou seja, a sensação de conexão e comunhão partilhada com os outros, durante as sessões de grupo com psicadélicos, está associada a melhorias no bem-estar psicológico e na conectividade social a longo prazo. Isso sugere que a experiência intersubjetiva pode ser um mecanismo importante para a promoção de mudanças terapêuticas sustentadas.

O estudo de Perkins e colaboradores (2021) sugere que a presença de supervisão adequada, um ambiente seguro, uma clara intenção para a experiência e uma preparação adequada, juntamente com o respeito pelas tradições culturais, estão

associados a resultados positivos em termos de saúde mental e bem-estar dos consumidores de ayahuasca. Esses resultados são consistentes com os resultados de outros estudos que sugerem que o contexto e o *setting* podem influenciar os efeitos de outras substâncias psicoativas, como a cannabis e a metilenodioximetanfetamina (MDMA).

Numa revisão detalhada, Ross (2018) examinou vários estudos clínicos históricos e contemporâneos que exploraram o potencial dos psicadélicos clássicos para o tratamento de pacientes com diagnósticos de cancro, com um foco particular na atenuação do sofrimento emocional e existencial nessa população. O objetivo deste estudo era proporcionar uma análise abrangente do estado atual das investigações nesse campo e identificar áreas que carecem de investigação adicional. Além disso, examinou os possíveis mecanismos subjacentes aos efeitos terapêuticos dos alucinogénios clássicos, incluindo a capacidade destas substâncias de induzir experiências do tipo místicas e promover a neuroplasticidade.

Os resultados desta análise indicam que o uso de psicadélicos clássicos em ensaios clínicos revelou potencial na redução do sofrimento emocional e existencial em pacientes com cancro, sugerindo que esta abordagem terapêutica pode ser um catalisador na melhoria do bem-estar psicológico destes pacientes.

Ainda no mesmo contexto terapêutico, Pontual e colaboradores (2022) realizaram um estudo no qual procuraram compreender como é que o ambiente cerimonial em consumidores de ayahuasca influencia as experiências psicadélicas. Os investigadores utilizaram um questionário online para recolher dados de participantes que relataram ter utilizado ayahuasca em contextos cerimoniais, como rituais

religiosos ou práticas xamânicas. Foi pedido aos participantes que descrevessem as suas experiências com o psicadélico em termos dos aspetos místicos e desafiadores, bem como a influência do ambiente cerimonial nessas experiências.

Os resultados do estudo revelaram que o contexto cerimonial exerce uma influência significativa nas experiências místicas e desafiadoras dos participantes. No que diz respeito às experiências místicas, o ambiente cerimonial foi referido como um facilitador para a vivência de estados alterados de consciência, conexão espiritual e transcendência. Os participantes descreveram sensações de união com o universo, *insights* profundos e um sentido de conexão com algo maior do que eles próprios. Em relação às experiências desafiadoras, o ambiente cerimonial também desempenhou um papel importante. Os participantes referiram que o ambiente seguro e de apoio proporcionado pelo contexto cerimonial ajudou a enfrentar e processar os aspetos difíceis e emocionalmente intensos das experiências com a ayahuasca. O apoio dos facilitadores e a presença de uma comunidade solidária foram mencionados como fatores essenciais para lidar com os desafios e promover a cura e o crescimento pessoal.

Além disso, o estudo destacou a importância dos rituais e práticas específicas dentro do contexto cerimonial. Os participantes relataram que os cânticos, as orações, as danças e outros rituais desempenharam um papel fundamental na orientação e condução das experiências psicadélicas. Estes elementos cerimoniais foram percebidos como catalisadores para a entrada em estados de consciência ampliados e para a profundidade das experiências espirituais.

Por fim, neste contexto, Simonsson e colaboradores (2023) tiveram como objetivo explorar a frequência e as associações das experiências desafiadoras ou perturbadoras que as pessoas relatam ao usar psicadélicos clássicos.

No que diz respeito à metodologia, recolheram dados através de um questionário *online* de indivíduos que tinham usado psicadélicos clássicos no passado. As perguntas abordaram os tipos de experiências que tiveram com essas substâncias, bem como informações sobre os seus antecedentes demográficos e histórico de saúde mental, entre outros fatores relevantes.

Os resultados revelaram que um número considerável de pessoas que experimentaram psicadélicos clássicos referiram ter vivido experiências desafiantes, difíceis ou perturbadoras. Estas experiências parecem estar relacionadas com diversos fatores, incluindo o tipo de psicadélico usado, a dose e o contexto em que a experiência ocorreu. O estudo também indicou que as pessoas que relataram estas experiências desafiadoras tinham maior probabilidade de apresentar sintomas de ansiedade e depressão, bem como um historial de problemas de saúde mental.

Os psicadélicos clássicos, quando administrados em contexto seguro e propício à introspeção e transformação pessoal, podem potencializar os seus efeitos. Isso ocorre porque o contexto em que os psicadélicos são consumidos pode influenciar a experiência do consumidor. Um ambiente seguro e tranquilo pode ajudá-lo a sentir-se mais confortável e confiante, o que pode facilitar a exploração de novos pensamentos e emoções. A música é frequentemente utilizada como um elemento complementar às experiências psicadélicas, pois pode ajudar a criar um ambiente mais envolvente e a potencializar as sensações e emoções vivenciadas (Roseman et al., 2021). Estudos têm explorado os efeitos da música no contexto psicadélico,

destacando a sua influência na intensidade das experiências e na ligação emocional dos indivíduos como se pode verificar nas investigações seguintes.

Kaelen e colaboradores (2016) investigaram os efeitos do LSD na experiência musical, com foco na modulação da imagética induzida pela música e nas alterações na conectividade funcional entre o córtex auditivo e a região para-hipocampal do cérebro.

Para isso, 26 participantes receberam uma dose de LSD e foram expostos a diferentes estímulos musicais, ao mesmo tempo que eram submetidos a exames de fMRI. Os resultados mostraram que o LSD teve um impacto significativo nas experiências subjetivas dos participantes, com um aumento na intensidade das imagens mentais e uma maior sensação de envolvimento emocional durante a audição das músicas.

Além disso, os dados de fMRI revelaram que o LSD provocou alterações na conectividade funcional entre o córtex auditivo e o para-hipocampo. Estas alterações sugerem que o para-hipocampo desempenha um papel importante na modulação das experiências musicais induzidas pelo LSD, aumentando a integração entre a percepção musical e as respostas emocionais.

Estes resultados contribuem para uma melhor compreensão dos efeitos psicofisiológicos do LSD e o seu impacto na apreciação musical. Eles também sugerem que o LSD pode ter potencial para aplicações terapêuticas, como o tratamento de transtornos mentais relacionados com a cognição e a emoção.

Ainda relativamente à questão da música atrás referida, outra pesquisa realizada por Kaelen e colaboradores (2018) investigou o papel central da música na terapia psicadélica e os seus efeitos terapêuticos.

O estudo envolveu a análise dos dados de 19 participantes que passaram por sessões de terapia psicadélica com psilocibina. Os participantes receberam doses de psilocibina em dois ambientes diferentes: uma sessão com música e uma sessão sem música (grupo de controlo). O objetivo era comparar os efeitos terapêuticos e a experiência subjetiva dos participantes nos dois contextos.

Os resultados mostraram que a presença de música durante a sessão de psicoterapia psicadélica teve um impacto significativo nos resultados terapêuticos. Os participantes relataram maior envolvimento emocional, maior sentimento de segurança e conforto, além de uma experiência mais positiva quando a música estava presente. Além disso, a música também facilitou a introspeção, a expressão emocional e a comunicação com os terapeutas. Os participantes que receberam psilocibina com música também apresentaram maior atividade nas áreas cerebrais associadas à percepção musical e às emoções. Estas descobertas sugerem que a música pode desempenhar um papel crucial na modulação da experiência psicadélica, promovendo a conexão emocional, a segurança e a eficácia da terapia.

Em resumo, a música pode: aprofundar a conexão emocional (ajuda os participantes a se conectarem com os seus próprios sentimentos e com os outros, facilitando a expressão emocional e a comunicação); criar um ambiente terapêutico mais seguro (ajuda os participantes a se sentirem mais seguros e confortáveis, o que pode facilitar a exploração de pensamentos e emoções difíceis); e potencializar os efeitos terapêuticos (ajuda os participantes a beneficiarem mais da terapia, facilitando a introspeção e a mudança).

No que se refere ao *setting* recreativo, Palmer e Maynard (2022) realizaram um estudo cujo objetivo era aumentar o conhecimento sobre práticas de redução de danos psicológicos comuns, isto é, experiências desafiantes, em contextos recreativos envolvendo psicadélicos e investigar como essas práticas se relacionam com a experiência psicadélica. Estes investigadores procuraram compreender como é que essas estratégias de redução de danos evoluem à medida que os utilizadores ganham mais experiência no consumo.

Para atingir esses objetivos, 163 participantes partilharam relatos das suas experiências iniciais e das mais recentes com psicadélicos. Eles forneceram detalhes sobre as práticas de redução de danos que utilizaram e responderam ao CEQ e ao *Emotional Breakthrough Inventory* (EBI). Adicionalmente, os participantes responderam a perguntas abertas para uma compreensão qualitativa mais profunda das suas perspetivas sobre redução de danos relacionados com psicadélicos.

Os resultados demonstraram que os participantes tendem a adotar práticas de redução de danos mais abrangentes durante as suas experiências psicadélicas mais recentes em comparação com as primeiras. A utilização dessas práticas estava positivamente associada a pontuações mais elevadas no EBI, que refletem experiências mais positivas, e negativamente associada às pontuações no CEQ, especialmente nas primeiras experiências. O estudo destacou uma grande variedade de práticas de redução de danos utilizadas pelos participantes, fornecendo detalhes sobre as mais comuns e aquelas consideradas mais cruciais pelos utilizadores experientes. A análise qualitativa enfatizou a importância do "contexto e estado mental" na garantia de uma experiência psicadélica positiva, com os participantes a realçarem a relevância desses fatores em detrimento de considerações específicas

relacionadas com a substância psicadélica sem os fatores contexto e estado mental atrás referidos.

Dollar (2022) levou a cabo um estudo no qual o objetivo era o de explorar as motivações relatadas por pessoas que consomem psicadélicos em contextos não clínicos. O estudo utilizou um método de amostragem em bola de neve para recrutar uma amostra diversificada de 30 participantes que relataram utilizar substâncias psicadélicas "por conta própria". O estudo incluiu entrevistas aprofundadas para recolher dados sobre as experiências dos participantes com substâncias psicadélicas, incluindo as razões para o uso inicial e subsequente. As entrevistas foram realizadas presencialmente ou por telefone, dependendo da preferência do participante e das diretrizes de distanciamento social devido à pandemia da corona vírus (*COVID-19*).

Os resultados do estudo indicam que os participantes relataram várias razões para o uso inicial e subsequente de psicadélicos, incluindo auto-exploração, crescimento pessoal e experiências espirituais. O estudo também constatou que as motivações dos participantes para o uso de psicadélicos muitas vezes diferiam da narrativa cultural predominante, que tende a focar-se no uso recreativo ou auto-medicação para problemas de saúde mental.

O estudo conclui que as motivações relatadas para o uso de psicadélicos por pessoas que os consomem em contextos não clínicos são diversas e complexas, e que essas motivações devem ser consideradas em futuras pesquisas e discussões políticas relacionadas com substâncias psicadélicas. O estudo também sugere que a narrativa cultural em torno do uso de psicadélicos pode precisar de ser ampliada para incluir uma variedade mais ampla de motivações e experiências.

Por fim, numa revisão da literatura realizada por Golden e colaboradores (2022), os resultados indicam que o *setting* desempenha um papel significativo nos efeitos das experiências psicadélicas e nas terapias psicadélicas. O ambiente físico onde ocorre a experiência psicadélica pode ter um impacto significativo na percepção do indivíduo e na qualidade da experiência. Conforme já referido, ambientes acolhedores, confortáveis e esteticamente agradáveis podem facilitar a sensação de segurança e bem-estar durante a experiência psicadélica. Por outro lado, ambientes desconfortáveis, caóticos ou desagradáveis podem aumentar a ansiedade e afetar negativamente a experiência. A presença de terapeutas qualificados e experientes também é fundamental para garantir a segurança e a orientação durante a experiência psicadélica. Terapeutas treinados podem fornecer apoio emocional, ajudar os participantes a navegar por experiências desafiadoras e facilitar a integração dos insights obtidos durante a sessão psicadélica. Além disso, a configuração social desempenha um papel importante no *setting*. A presença de outras pessoas durante a experiência psicadélica pode influenciar as interações sociais, a sensação de pertença e a dinâmica do grupo. Ambientes com apoio social e interações positivas podem promover um sentido de conexão e comunidade, contribuindo para a experiência psicadélica e para os resultados terapêuticos.

Esta revisão da literatura também destaca a importância da preparação prévia dos participantes para a experiência psicadélica. A preparação adequada envolve elucidar os participantes sobre os efeitos e possíveis desafios da substância psicadélica, fornecer orientações sobre como se preparar mental e emocionalmente e estabelecer expectativas realistas. A preparação adequada pode ajudar os participantes a sentirem-se mais confiantes, seguros e abertos para a experiência, melhorando assim os resultados terapêuticos.

Em conclusão, o *setting* parece influenciar os efeitos subjetivos agudos e, nesse sentido, parece condicionar o potencial terapêutico destas substâncias. Um *setting* apropriado, que inclui preparação adequada, apoio e um ambiente físico seguro, parece ser crucial para facilitar experiências positivas e profundas. No entanto, é importante notar que os estudos nesta área continuam a expandir, e o impacto exato do *setting* pode variar dependendo de diversos fatores.

Parte II - Estudo Empírico

Capítulo III - Parte Prática

3.1. Método

Dado o potencial terapêutico e desenvolvimental dos psicadélicos clássicos e a necessidade de se aumentar a compreensão entre o *setting* (contexto no qual o consumo ocorre) e os efeitos subjetivos agudos, foi conduzido o presente estudo com os seguintes objetivos: 1) identificar o *setting* no qual o consumo de drogas psicadélicas clássicas ocorre; 2) descrever os efeitos subjetivos agudos dessas experiências; e 3) estudar a relação/associação entre o *setting* e os efeitos subjetivos agudos.

O presente estudo integra uma linha de investigação em curso na Clínica Pedagógica de Psicologia da Universidade Fernando Pessoa, intitulado “Epidemiologia do Consumo de Drogas Psicadélicas em Portugal: Motivação, Contexto e Efeitos Subjetivos”, que tem como principal objetivo caracterizar, do ponto de vista epidemiológico, o consumo de drogas psicadélicas clássicas por adultos durante o último ano em Portugal (padrões de consumo, motivação, contexto e efeitos subjetivos). Para este projeto, foi elaborado um questionário com recurso à plataforma *Google Forms*, de preenchimento online, divulgado em março de 2022 e que esteve disponível até março de 2023. A divulgação foi feita pelo Gabinete de Comunicação e Imagem da Universidade Fernando Pessoa e por entidades, organizações e associações portuguesas que atuam no âmbito do consumo de drogas.

Trata-se, portanto, de um estudo descritivo, de natureza observacional, que ficou constituído por uma amostra de conveniência.

3.1.1. Participantes

A amostra deste estudo ficou constituída por 224 participantes, todos maiores de 18 anos, de nacionalidade portuguesa ou com residência em Portugal há pelo menos 5 anos, que possuem proficiência na língua portuguesa e que relataram ter tido experiências com drogas psicadélicas clássicas (Psilocibina, LSD, DMT, Mescalina) nos últimos 12 meses.

Dos 224 participantes, 50.4% são do género feminino ($n= 113$) e 48.2% do género masculino ($n=108$). A distribuição por faixa etária mostrou que a maioria (30.8%; $n=69$) estava na faixa dos 18 aos 27 anos, seguida pela faixa etária dos 38 aos 47 anos (29%; $n=65$). Sobre o estado civil, verifica-se que a maioria dos participantes é solteiro (61.2%; $n=137$). No que se refere à nacionalidade, a maioria dos participantes (96.0%; $n=215$) possui nacionalidade portuguesa. A categoria "outra" engloba as nacionalidades brasileira (1.8%) e francesa (0.9%), enquanto as nacionalidades espanhola, inglesa e luso-brasileira obtiveram uma percentagem idêntica de 0,4%. A maioria dos participantes (37.1%; $n=83$) reside em Lisboa e Vale do Tejo, tem licenciatura (46.9%; $n=105$) e encontram-se a trabalhar (83.9%; $n=188$) (Tabela 1).

Quanto ao diagnóstico de doença psiquiátrica, 90.6% dos participantes ($n=203$) refere não ter diagnóstico. Dentro daqueles que afirmam ter diagnóstico (9.4%; $n=21$), as respostas foram pouco precisas.

No que toca às drogas consumidas, no geral, a maioria dos participantes é policonsumidor, sendo que a psilocibina é a substância psicadélica mais consumida (72.8%; $n=163$), seguida pelo LSD (42.9%; $n=96$), DMT (20.1%; $n=45$) e mescalina (9.4%; $n=21$).

Tabela 1*Caraterização sociodemográfica dos participantes*

Variável	Categoria	%	<i>n</i>
Género	Masculino	48.2	108
	Feminino	50.4	113
	Não binário	0.9	2
	Outro	0.4	1
Idade	18 - 27 anos	30.8	69
	28 – 37 anos	27.2	61
	38 – 47 anos	29.0	65
	48 – 57 anos	9.8	22
	58 – 67 anos	3.1	7
Estado Civil	Solteiro/a	61.2	137
	Casado/a ou união de facto	27.2	61
	Divorciado/a ou separado/a	11.2	25
	Viúvo/a	0.4	1
Nacionalidade	Portuguesa	96.0	215
	Outra	4.0	9
Área de Residência	Norte	35.7	80
	Centro	13.8	31
	Lisboa e Vale do Tejo	37.1	83
	Alentejo e Algarve	12.9	29

	Ilhas	0.4	1
Escolaridade	Ensino Básico	1.3	3
	Ensino Secundário	17.0	38
	Licenciatura	46.9	105
	Mestrado	27.7	62
	Doutoramento	7.1	16
Situação Profissional	Empregado/a	83.9	188
	Desempregado/a	7.6	17
	Reformado/a	1.8	4
	Estudante	6.7	15

3.1.2. Material

O questionário elaborado para o projeto de investigação que está a ser desenvolvido pela Clínica Pedagógica de Psicologia da Universidade Fernando Pessoa visa recolher informações relacionadas com as experiências de consumo de drogas psicadélicas clássicas e durante o último ano em Portugal. Neste sentido, os participantes eram convidados a identificar as substâncias psicadélicas consumidas, a caracterizar a sua relação com estas substâncias e a pensarem numa experiência marcante, para a qual deveriam avaliar a intensidade, a clareza, o contexto/*setting* e os efeitos subjetivos imediatos, para além de serem depois convidados a descreverem essa experiência.

Neste estudo, uma diversidade de variáveis foi examinada para compreender a relação entre o contexto e as experiências subjetivas dos participantes. No que diz respeito ao consumo de drogas psicadélicas nos últimos 12 meses, os participantes

relataram com detalhes a frequência desse uso e o tempo decorrido desde a última experiência. Além disso, eles forneceram informações sobre os tipos específicos de drogas psicadélicas consumidas e avaliaram a quantidade utilizada em escalas de 1 a 5, em que 1 representa a dose mais baixa e 5 a dose mais elevada.

As experiências subjetivas das substâncias psicadélicas foram avaliadas em múltiplos aspetos. A intensidade das experiências foi classificada em uma escala de 1 a 5, onde o valor 1 denota uma intensidade mínima e 5 uma intensidade máxima. Além disso, os participantes avaliaram a clareza com que se recordavam de suas experiências e fizeram uma avaliação geral das mesmas.

As experiências subjetivas foram desdobradas em várias dimensões, incluindo alterações na percepção, como as visuais, auditivas e olfativas, que foram avaliadas em escalas de 1 a 5, onde 1 representava a intensidade mínima e 5 a intensidade máxima. Além disso, sentimentos de angústia, medo intenso, bem-estar, compaixão/empatia, outras sensações ou emoções difíceis e outras sensações ou emoções agradáveis foram igualmente avaliados em escalas distintas.

3.1.3. Procedimento

Como já atrás foi referido, este estudo integra uma das linhas de investigação em curso na Clínica Pedagógica de Psicologia da Universidade Fernando Pessoa, projeto este com parecer positivo por parte da respetiva Comissão de Ética (FCHS/PI-229/21-2) (Anexo A). Neste sentido, efetuou-se o pedido de autorização junto da equipa responsável por este projeto de investigação para acesso à base de dados, nomeadamente às variáveis em estudo (Anexo B).

Obtida esta autorização, procedeu-se ao tratamento e análise dos dados (análises descritivas e inferenciais) através do software de análise estatística *IMB*® *SPSS*® (versão 26).

A análise descritiva foi realizada utilizando-se a análise de frequências e de medidas de tendência central, de acordo com a natureza das variáveis. No que respeita à análise inferencial, esta foi realizada através do *Teste do Qui-Quadrado*, assegurando-se as condições necessárias para a sua realização.

3.2. Apresentação de resultados e discussão

Nesta secção, serão apresentados os resultados obtidos em consonância com os objetivos delineados previamente. Além disso, realizaremos uma discussão aprofundada para contextualizar e interpretar esses resultados, proporcionando uma compreensão abrangente das descobertas deste estudo.

3.2.1. *Setting* no qual o consumo de drogas psicadélicas clássicas ocorre

Antes de se passar para a caracterização do *setting* no qual a experiência psicadélica marcante ocorreu, iremos começar por referir qual foi a substância consumida na experiência selecionada pelos participantes. Conforme se pode observar pela análise da Tabela 2, a substância mais vezes consumida foi a psilocibina (54.9%; $n=123$), seguida do LSD (27.2%; $n=61$).

Tabela 2*Substância psicadélica consumida na experiência marcante*

Substância Psicadélica	%	<i>n</i>
Psilocibina	54.9	123
LSD	27.2	61
DMT	17.0	38
Mescalina	0.9	2

O facto de a psilocibina ser a substância mais consumida poderá ser, em parte, devido à sua disponibilidade/acesso, como também o grande interesse e quantidade de estudos com esta mesma substância, a segurança, isto é, o seu baixo potencial de dependência e toxicidade e os seus efeitos terapêuticos, permitindo possíveis experiências espirituais significativas (Agin-Liebes et al., 2020; Barrett et al., 2016; Barrett et al., 2018; Carhart-Harris et al., 2012a; Carhart-Harris et al., 2017; Carbonaro et al., 2016; Carbonaro et al., 2020; Goodwin et al., 2023).

Passando agora para a identificação do contexto no qual as diferentes substâncias foram consumidas, e conforme se pode observar pela análise da Tabela 3, verificamos que o contexto de retiro foi o *setting* no qual a maioria das experiências psicadélicas ocorreram de forma marcante (46.4%; $n=104$).

Tabela 3*Setting no qual ocorreu a experiência psicadélica marcante*

<i>Setting</i>	<i>%</i>	<i>n</i>
Retiro	46.4	104
Social/recreacional	33.5	75
Terapêutico/clínico	6.3	14
Outro	13.8	31

Analisando estes resultados mais em detalhe, é expectável que apenas 6.3% dos participantes mencionem o contexto clínico, na medida em que este contexto estará associado a ensaios clínicos e terapia controlada. No entanto, somos levados a levantar a hipótese que alguns participantes possam ter confundido o “contexto” com a intenção ou finalidade da sua experiência. Isso pode explicar a alta percentagem de participantes que mencionaram o contexto de retiro, já que muitos retiros psicadélicos têm um foco terapêutico ou de introspeção, mesmo que não sejam condições clínicas.

Além do mais, é observável que a disponibilidade de retiros psicadélicos tenha vindo a crescer, tanto a nível nacional como internacional, à medida que a investigação continua a revelar resultados promissores e à medida que ganham cada vez mais popularidade. Este facto sugere que um número crescente de pessoas procura experiências psicadélicas estruturadas e orientadas para o crescimento pessoal, mesmo fora do contexto clínico.

Dentro desta perspetiva, é relevante destacar que o contexto "outro" refere-se a experiências realizadas fora de locais específicos como clínicas ou retiros, sendo exemplos comuns como a casa de um amigo.

Relativamente ao contexto e à droga consumida, como se pode observar na Tabela 4, o retiro é onde a psilocibina é mais frequentemente consumida, representando a maioria das experiências (66.3%).

O contexto social ou recreativo mostra uma preferência significativa pelo LSD, que é consumido em 61.3% das experiências.

Em ambientes terapêuticos ou clínicos, a psilocibina é a droga mais comumente usada, abrangendo a grande maioria das experiências (85.7%). Não houve relatos de consumo de LSD nesse contexto, enquanto o DMT foi usado em 14.3% das experiências terapêuticas ou clínicas. A mescalina não foi relatada em configurações terapêuticas ou clínicas.

Em contextos classificados como "outro", a psilocibina é a droga mais frequente, representando 58.1% das experiências. O uso de DMT e a mescalina também não foram relatadas.

Tabela 4

Setting e a droga consumida

<i>Setting</i>	Psilocibina		LSD		DMT		Mescalina	
	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>
Retiro	66.3	69	5.8	6	26.9	28	1.0	1
Social/recreacional	32.0	24	61.3	46	5.3	4	1.3	1
Terapêutico/clínico	85.7	12	0.0	0	14.3	2	0.0	0
Outro	58.1	18	29.0	9	12.9	4	0.0	0

3.2.2. Efeitos subjetivos agudos dessas experiências

O segundo objetivo deste estudo foi o de descrever os efeitos subjetivos agudos das experiências psicadélicas marcantes.

Antes de solicitar aos participantes que avaliassem os efeitos subjetivos agudos da "experiência marcante", estes foram convidados a classificar a clareza com que se recordavam dessa experiência numa escala de 1 (pouco clara) a 5 (muito clara) e a avaliar a intensidade da experiência numa escala de 1 (baixa) a 5 (elevada), tendo como referência o seu nível habitual quando não consumiam substâncias. Por fim, era ainda pedido aos participantes que avaliassem a qualidade da experiência, utilizando uma escala de 1 (péssima) a 5 (ótima). Serão estes os resultados que iremos começar por apresentar (Tabela 5).

Tabela 5

Caraterização dos níveis de clareza, de intensidade e avaliação da experiência psicadélica marcante

Variável	<i>M</i>	<i>D.P.</i>
Intensidade	4.24	0.985
Clareza	4.17	0.894
Avaliação	4.42	0.869

Como pode verificar-se pela análise da Tabela 5, os participantes recordam com bastante clareza a experiência psicadélica ($M=4.17$), o que indicia que se lembram das suas experiências de forma clara e vívida, e referem que a mesma foi de intensidade moderada a alta ($M=4.24$).

Alterações da percepção	3.6	8	4.5	10	20.5	46	34.4	77	37.1	83
Angústia	42.0	94	30.4	68	13.8	31	8.9	20	4.9	11
Medo	48.2	108	26.8	60	12.5	28	6.7	15	5.8	13
Bem-estar	3.6	8	7.6	17	23.2	52	37.9	85	27.7	62
Compaixão/empatia	2.7	6	5.8	13	16.1	36	31.3	70	44.2	99
Outras sensações ou emoções difíceis	29.0	65	17.4	39	18.3	41	19.6	44	15.6	35
Outras sensações ou emoções agradáveis	11.6	26	4.9	11	17.4	39	35.3	79	30.8	69

Conforme pode observar-se pela análise da Tabela 6, a grande maioria dos participantes (71.5%; $n=160$) refere “elevadas” a “muito elevadas” alterações na percepção. Relativamente ao medo, quase metade dos participantes (48.2%; $n=108$) relatou um nível “nada mais que o habitual” durante essas experiências, destacando que o medo foi a sensação menos experienciada pelos indivíduos. No que diz respeito ao bem-estar, 65.6% ($n=147$) refere ter experienciado “elevado” a “muito elevado” bem-estar, indicando uma associação frequente entre experiências psicadélicas e sentimentos positivos de bem-estar. A ocorrência de angústia e medo, embora não seja universal, está em consonância com as investigações que destacam o potencial das drogas psicadélicas para desencadear tanto experiências emocionalmente desafiadoras quanto enriquecedoras (Barret et al., 2016; Carhart-Harris et al., 2017; Golden et al., 2022). No que se refere à compaixão/empatia, cerca de 44.2% ($n=99$)

dos participantes relatou uma intensidade “muito elevada” e 31.3% ($n=70$) “elevada”. Quanto às outras sensações ou emoções difíceis, 29% dos participantes ($n=65$) classificou como “nada mais que o habitual”. Por fim, no âmbito das outras sensações ou emoções agradáveis, 35.3% ($n=79$) relatou que durante as experiências tinham uma intensidade “elevada”, realçando a presença frequente de elementos de prazer e satisfação nessas experiências.

Estes dados vão, globalmente, ao encontro da literatura consultada que, apesar de salientar variabilidade nas respostas emocionais e subjetivas, refere quase unanimemente alterações na perceção decorrentes da reorganização temporária das vias sensoriais, resultando em perceções ampliadas ou distorcidas (Agin-Liebes et al., 2020; Carhart-Harris et al., 2012a, 2012b, 2016; Johnson et al., 2008, 2016; MacLean et al., 2011; Mason et al., 2019; Mithoefer et al., 2016; Nichols, 2004, 2016; Ross et al., 2016; Turton et al., 2015.). A associação entre a sensação de bem-estar, compaixão e empatia e as experiências com psicadélicos é apoiada por pesquisas que sugerem que essas substâncias podem facilitar a conexão emocional e interpessoal (Agin-Liebes et al., 2021; Carbonaro et al., 2016; Carhart-Harris et al., 2016; Golden et al., 2022; Ketner et al., 2021; Mason et al., 2019; Pahnke, 1970; Sepeda et al., 2020).

3.2.3. *Setting* e os efeitos subjetivos agudos

Passando agora para o 3º e último objetivo, o qual procura analisar a relação entre o *setting* e os efeitos subjetivos agudos, procedeu-se ao estudo da associação entre a variável (nominal) "*setting*" e a variável (ordinal) "efeitos subjetivos" tendo-se recorrido, para tal, à estatística não-paramétrica. O teste utilizado foi o *Teste Qui-Quadrado* de Pearson. Inicialmente, não estava cumprida uma das condições para se

poder realizar o teste do Qui-Quadrado (20% das células tem que ter valor esperado superior a 5), o que obrigou ao agrupamento de variáveis. Para resolver esse problema, optou-se por agrupar os contextos "contexto terapêutico/clínico" e "outro". Essa decisão foi tomada não apenas devido aos valores mais baixos nessas categorias, mas também porque o contexto "outro" é frequentemente relatado como sendo na casa do próprio consumidor, ou de um amigo, com este amigo atuando como supervisor. Portanto, a inclusão do contexto "outro" no mesmo grupo que o "contexto terapêutico/clínico" faz sentido, uma vez que ambos podem envolver um ambiente controlado e supervisionado. Esta ação visa tornar as análises mais robustas e permitir uma melhor avaliação das associações.

Em seguida, procederemos à análise das intensidades dos efeitos subjetivos em relação ao setting, começando com as alterações da percepção. É importante notar que, ao realizar essa associação, aproximadamente 20% das células ainda não tinham valores superiores a 5. Portanto, foi necessário combinar as células "intensidade nada mais que o habitual" e "intensidade baixa".

Apesar das variáveis “*setting*” e “alterações da percepção” se mostrarem variáveis independentes (isto é, não se associam) ($\chi^2 = 3.972$; $p = .681$), propomos analisar mais detalhadamente os valores observados e os valores esperados (Tabela 7).

Apesar da ausência de associação, era expectável a ausência de associação entre *setting* e alterações da percepção, pois os elementos que contribuem para essas alterações da percepção, como a distorção visual, a intensificação das cores, as mudanças nas formas e tamanhos percebidos, entre outras, como tem vindo a ser referido até ao momento, são os psicadélicos (Carhart-Harris et al., 2012a; Carbonaro

et al., 2020; Harman et al., 1966; Hartogsohn, 2016; Hirschfeld et al., 2023; Leary et al., 1963; Nichols, 2016; Santos et al., 2016; Strassman, 1995; Turton et al., 2014; van Elk & Yaden, 2022; Vollenweider & Kometer, 2010).

Tabela 7

Tabela cruzada entre o setting e as alterações da percepção (visuais, auditivas e olfativas)

<i>Setting</i>	Intensidade baixa		Intensidade moderada		Intensidade elevada		Intensidade muito elevada	
	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
		espera		esper		esper		esper
		do		ado		ado		ado
Retiro	7	8.4	18	21.4	36	35.8	43	38.5
Social/recreacional	8	6.0	16	15.4	24	25.8	27	27.8
Terapêutico/clínico e outro	3	3.6	12	9.2	17	15.5	13	16.7

Conforme se pode observar pela análise da Tabela 7, e quando o *setting* é o de “retiro”, verifica-se que as alterações perceptivas de “baixa” e “moderada” intensidade apresentam valores observados inferiores aos valores esperados, contrariamente às intensidades “elevada” e “muito elevada”, cujos valores observados são superiores aos valores esperados, o que significa que as alterações perceptivas parecem ser mais intensas em contexto de retiro do que aquilo que seria de esperar.

Quanto ao contexto social/recreacional, constata-se que só na intensidade “elevada” o valor observado é inferior ao esperado. Nas intensidades “baixa” e

“moderada” os valores observados são superiores aos esperados. Contudo, na intensidade “muito elevada” ambos os valores são os mesmos.

No que se refere ao contexto terapêutico/clínico, observa-se que só na intensidade “muito elevada” o valor observado é inferior ao valor esperado. Já nas intensidades “moderada” e “elevada”, os valores observados são superiores aos esperados. Na intensidade “baixa”, os valores são os mesmos.

Considerando a ampla evidência na literatura que sugere que os psicadélicos exercem um impacto significativo nas alterações da percepção (Carhart-Harris et al., 2012^a, 2012^b; Carbonaro et al., 2020; Harman et al., 1966; Hartogsohn, 2016; Hirschfeld et al., 2023; Leary et al., 1963; Nichols, 2016; Santos et al., 2016; Strassman, 1995; Turton et al., 2014; van Elk & Yaden, 2022; Vollenweider & Kometer, 2010), é expectável que o *setting* e as alterações da percepção não se associem.

Passando agora para a análise entre o “*setting*” e a “angústia”, realce-se que nesta associação 20% das células não apresentavam um valor superior a 5, o que obrigou a agrupar as categorias intensidade “elevada” e intensidade “muito elevada”.

Com base nos dados da Tabela 8, não há uma associação significativa entre *setting* e angústia, $\chi^2 = 7.996$; $p = .238$. No entanto, 36.5%, 45.3% e 48.9% dos indivíduos, nos contextos retiro, social/recreacional e terapêutico/clínico, respetivamente, refere não ter sentido angústia.

Tendo em conta a análise, as intensidades “nada mais que o habitual” e “baixa” emergem como as mais predominantes. Importa lembrar que não foi

encontrada nenhuma associação estatisticamente significativa entre o *setting* e a angústia, sugerindo que possa estar associado a outra variável, como o *set*. É interessante notar que a literatura oferece uma perspectiva ambígua em relação à angústia durante essas experiências. Enquanto alguns estudos indicam que o uso dessas substâncias pode reduzir o sentimento de angústia e ansiedade (Agin-Liebes et al., 2020; Agin-Liebes et al., 2021; Simonsson et al., 2023; Ross, 2018), também é comum relatar a experiência de angústia durante a jornada psicadélica, ressaltando a complexidade dessas vivências (Carbonaro et al., 2016; Carhart-Harris et al., 2016; Mason 2019).

Tabela 8

Tabela cruzada entre o setting e a angústia

<i>Setting</i>	Intensidade nada mais que o habitual		Intensidade baixa		Intensidade moderada		Intensidade elevada	
	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
		espera		esper		esper		esper
		do		ado		ado		ado
Retiro	38	43.6	29	31.6	16	14.4	21	14.4
Social/recreacional	34	31.5	25	22.8	10	10.4	6	10.4
Terapêutico/clínico	22	18.9	14	13.7	5	6.2	4	6.2

Passar-se-á agora à análise detalhada destes dados para que seja possível discuti-los de forma mais eficaz.

No contexto de retiro, nota-se que as intensidades "nada mais que o habitual" e "baixa" têm valores observados inferiores aos valores esperados. Em contrapartida, nas intensidades "moderada" e "elevada", os valores observados são superiores aos valores esperados.

No contexto social/recreacional, apenas na intensidade "elevada" se verifica um valor observado inferior ao valor esperado. Nas intensidades "nada mais que o habitual" e "baixa", os valores observados são superiores aos valores esperados. Quanto à intensidade "moderada", ambos os valores são idênticos.

No contexto terapêutico/clínico, nota-se que nas intensidades "moderada" e "elevada" o valor observado é superior ao valor esperado. Nas restantes intensidades, os valores observados também são superiores aos valores esperados.

Quanto ao sentimento de angústia, a literatura oferece perspectivas ambíguas. Alguns autores afirmam que o *setting* contribui para a redução desse sentimento (Agin-Liebes et al., 2020, 2021; Carbonaro et al., 2016; Carhart-Harris et al., 2016; Mason, 2019; Ross, 2018; Simonsson et al., 2023). Com base nos dados obtidos, os resultados parecem apoiar esta última perspectiva. No entanto, não é possível tirar conclusões definitivas devido a resultados contraditórios, destacando a necessidade de uma investigação mais aprofundada relativamente a este sentimento específico.

Mudando agora para a comparação entre o *setting* e o medo, é de destacar que nesta associação 20% das células ainda não apresentavam um valor superior a 5, o que obrigou a juntar as células da intensidade "elevada" e intensidade "muito elevada", tal como na variável anterior.

Com base nos dados da Tabela 9, não há uma associação significativa entre *setting* e medo, $\chi^2 = 7.360$; $p = .289$. No entanto, 45.2%, 49.3% e 53.3% dos indivíduos, nos contextos retiro, social/recreacional e terapêutico/clínico, respetivamente, refere não ter sentido medo.

Como pode verificar-se pela Tabela 9, a intensidade que mais se destaca, novamente, é a intensidade “nada mais que o habitual”, contudo não existe nenhuma associação significativa entre o *setting* e o medo. No entanto, existem estudos que indicam que o medo é uma sensação comum durante as experiências (Carbonaro et al., 2016; Carhart-Harris et al., 2016; Hirschfeld et al., 2023; Mason 2019), portanto o medo pode estar relacionado com o *set*, por exemplo.

Tabela 9

Tabela cruzada entre o setting e o medo

<i>Setting</i>	Intensidade nada mais que o habitual		Intensidade baixa		Intensidade moderada		Intensidade elevada	
	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
Retiro	47	50.1	24	27.9	14	13.0	19	13.0
Social/recreacional	37	36.2	23	20.1	10	9.4	5	9.4
Terapêutico/clínico	24	21.7	13	12.1	4	5.6	4	5.6

No contexto de retiro, é evidente que nas intensidades "nada mais que o habitual" e "baixa" o valor observado é menor do que o valor esperado, enquanto que nas intensidades "moderada" e "elevada", o valor observado é maior do que o esperado.

No âmbito social/recreacional, constata-se que apenas na intensidade elevada o valor observado fica aquém do esperado, enquanto que em todas as outras intensidades, os valores observados ultrapassam os valores esperados.

No que diz respeito ao contexto terapêutico/clínico, nota-se que nas intensidades "moderada" e "elevada", os valores observados são inferiores aos valores esperados, enquanto que nas intensidades "nada mais que o habitual" e "baixa", os valores observados superam os valores esperados.

Avançando para a comparação entre o *setting* e o bem-estar, salienta-se que nesta associação 20% das células ainda não apresentavam um valor superior a 5, o que obrigou a juntar as células da intensidade “nada mais que o habitual” e intensidade “baixa”.

Com base nos dados da Tabela 10, não há uma associação significativa entre *setting* e bem-estar, $\chi^2 = 4.346$; $p = .630$. No entanto, 31.7%, 46.7% e 37.8% dos indivíduos, nos contextos retiro e social/recreacional e terapêutico/clínico, respetivamente, refere ter sentido um bem-estar “elevado”.

Com base nesta análise, depreende-se que as intensidades que se destacam são a “elevada” e “muito elevada”. No entanto, a literatura confirma exaustivamente que o *setting* têm um papel importante para que a experiência seja positiva e que promova o

bem-estar e a segurança de forma a evitar reações adversas (Agin-Liebes et al., 2021; Carbonaro et al., 2016, 2020; Carhart-Harris et al., 2016; Golden et al., 2022; Kealen et al., 2018; Ketner et al., 2021; Leary et al., 1963; Mason, 2019; Palmer & Maynard, 2022; Pahnke, 1970; Perkins et al., 2021; Pontual et al., 2022; Sepeda et al., 2020).

Tabela 10

Tabela cruzada entre o setting e o bem-estar

<i>Setting</i>	Intensidade baixa		Intensidade moderada		Intensidade elevada		Intensidade muito elevada	
	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
		espera do		esper ado		esper ado		esper ado
Retiro	12	11.6	27	17.4	33	28.5	32	28.8
Social/recreacional	8	8.4	15	17.4	35	28.5	17	20.8
Terapêutico/clínico	5	5.0	10	10.4	17	17.1	13	12.5

Em relação ao contexto de retiro, é notável que, em todas as intensidades, o valor observado supera o valor esperado.

No contexto social/recreacional, percebemos que nas intensidades "moderada" e "muito elevada" os valores observados ficaram aquém dos valores esperados. Na intensidade "elevada", o valor observado superou o valor esperado. Quanto à intensidade baixa, ambos os valores foram idênticos.

No âmbito do contexto terapêutico/clínico, constata-se que apenas na intensidade "muito elevada" o valor observado supera o valor esperado, enquanto nas restantes intensidades ambos os valores são equivalentes.

A literatura sustenta que o *setting* desempenha um papel significativo na promoção de uma sensação de bem-estar (Agin-Liebes et al., 2021; Carbonaro et al., 2016, 2020; Carhart-Harris et al., 2016; Golden et al., 2022; Kaelen et al., 2018; Ketner et al., 2021; Leary et al., 1963; Mason, 2019; Palmer & Maynard, 2022; Pahnke, 1970; Perkins et al., 2021; Pontual et al., 2022; Sepeda et al., 2020). Contudo, os resultados apontam na direção oposta.

Mudando o foco para a comparação entre o *setting* e compaixão/empatia, salienta-se que nesta associação 20% das células ainda não apresentavam um valor superior a 5, o que obrigou a juntar as células da intensidade “nada mais que o habitual” e intensidade “baixa”.

Com base nos dados da Tabela 11, não há uma associação significativa entre *setting* e compaixão/empatia, $\chi^2 = 3.761$; $p = .709$. No entanto, 51.0%, 37.3% e 40.0% dos indivíduos, nos contextos retiro, social/recreacional e terapêutico/clínico, respetivamente, refere ter sentido compaixão/empatia “muito elevada”.

Após esta análise, verifica-se que a intensidade “muito elevada” é a que se destaca. Contudo, mais uma vez, apesar de não existir uma associação significativa entre o *setting* e a compaixão/empatia, a literatura corrobora que, de facto, há uma associação significativa entre estas variáveis (Agin-Liebes et al., 2020; Carhart-Harris

et al., 2016; Carbonaro et al., 2016; Golden et al., 2022; Kaelen et al., 2018; Ketner et al., 2021; Mason, 2019; Pontual et al., 2022).

Tabela 11

Tabela cruzada entre o setting e a compaixão/empatia

<i>Setting</i>	Intensidade baixa		Intensidade moderada		Intensidade elevada		Intensidade muito elevada	
	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
		espera		esper		esper		esper
		do		ado		ado		ado
Retiro	8	8.8	14	16.7	29	32.5	53	46.0
Social/recreacional	7	6.4	14	12.1	26	23.4	28	33.1
Terapêutico/clínico	4	3.8	8	7.2	15	14.1	18	19.9

No que diz respeito ao contexto de retiro, nas intensidades "moderada" e "elevada," os valores observados foram inferiores aos valores esperados. Para a intensidade "baixa," os valores observados e esperados coincidem, enquanto que na intensidade "elevada," o valor observado é consideravelmente superior ao esperado.

No contexto social/recreacional, a única intensidade em que o valor observado supera o valor esperado é a "elevada," enquanto que nas restantes intensidades o valor observado fica acima do valor esperado.

No âmbito do contexto terapêutico/clínico, observa-se uma situação semelhante à do contexto social/recreacional.

Como já fora referido, esta análise não encontrou uma associação significativa com o setting, o que contrasta com as descobertas na literatura (Agin-Liebes et al., 2020; Carbonaro et al., 2016; Carhart-Harris et al., 2016; Golden et al., 2022; Kaelen et al., 2018; Ketner et al., 2021; Mason, 2019; Pontual et al., 2022).

Transitando para a comparação entre *setting* e outras sensações ou emoções difíceis, realça-se que nesta associação 20% das células ainda não apresentavam um valor superior a 5, o que obrigou a juntar as células da intensidade “elevada” e da intensidade “muito elevada”.

Com base nos dados da Tabela 12, há uma associação significativa entre *setting* e outras sensações ou emoções difíceis, $\chi^2 = 23.928$; $p = .001$. No entanto, 46.2% e 37.8% dos indivíduos, nos contextos retiro e terapêutico/clínico, respetivamente, refere ter sentido outras sensações ou emoções difíceis de intensidade “elevada”. Já no contexto social/recreacional, 44.0% revela ter sentido “nada mais que o habitual”.

A intensidade que fica realçada é a “elevada. Embora haja uma associação significativa, não era expectável. Seria se a intensidade de destaque fosse “nada mais que o habitual”. No entanto, estes dados vão contra a literatura aqui demonstrada (Agin-Liebes et al., 2020; Carhart-Harris et al., 2014; Carhart-Harris et al., 2016; Carbonaro et al., 2016; Golden et al., 2022; Harman et al., 1966; Hartogsohn, 2016; Johnson et al., 2008; Kaelen et al., 2018; Ketner et al., 2021; Leary et al., 1963; Mason, 2019; Palmer & Maynard, 2022; Pahnke, 1970; Pontual et al., 2022; Ross, 2018), com a exceção do estudo de Simonsson e colaboradores (2023).

Tabela 12*Tabela cruzada entre o setting e outras sensações ou emoções difíceis*

<i>Setting</i>	Intensidade		Intensidade		Intensidade		Intensidade	
	nada mais que o habitual		baixa		moderada		elevada	
	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
		espera		esper		esper		esper
		do		ado		ado		ado
Retiro	17	30.2	16	18.1	23	19.0	48	36.7
Social/recreacional	33	21.8	16	13.1	12	13.7	14	26.5
Terapêutico/clínico	15	13.1	7	7.8	6	8.2	17	15.9

Depois da análise realizada, no contexto de retiro, as intensidades "nada mais que o habitual" e "baixa" apresentaram valores observados abaixo dos esperados, enquanto as intensidades "moderada" e "elevada" tiveram valores observados superiores.

Já no contexto social/recreacional, as intensidades "moderada" e "elevada" mostraram valores observados inferiores aos esperados, enquanto as intensidades "nada mais que o habitual" e "baixa" tiveram valores observados acima dos esperados.

Quanto ao contexto terapêutico/clínico, a intensidade "moderada" apresentou um valor observado maior do que o esperado, enquanto a intensidade "baixa" teve valores observados semelhantes e as intensidades "nada mais que o habitual" e "elevada" tiveram valores observados superiores aos esperados.

Como foi referido anteriormente, identifica-se uma associação significativa inesperada. Enquanto a literatura geralmente indica que o *setting* contribui para uma experiência positiva ou desafiante, dependendo do tipo de apoio e preparação fornecidos (Agin-Liebes et al., 2020; Carhart-Harris et al., 2014; Carhart-Harris et al., 2016; Carbonaro et al., 2016; Golden et al., 2022; Harman et al., 1966; Hartogsohn, 2016; Johnson et al., 2008; Kaelen et al., 2018; Ketner et al., 2021; Leary et al., 1963; Mason, 2019; Palmer & Maynard, 2022; Pahnke, 1970; Pontual et al., 2022; Ross, 2018), o estudo de Simonsson e colaboradores (2023) levanta a possibilidade de que a ocorrência de outras sensações ou emoções difíceis esteja relacionada com sintomas de ansiedade e depressão, bem como um histórico prévio de problemas de saúde mental dos participantes. Isso pode estar alinhado com o estudo agora realizado, uma vez que os participantes alvo deste estudo não foram diagnosticados previamente e podem estar enfrentando problemas de saúde mental não diagnosticados. Além disso, a dosagem e o tipo de psicadélico consumido também podem ter influenciado essas descobertas.

Por fim, o foco incidirá na comparação entre *setting* e outras sensações ou emoções agradáveis. Igualmente nesta associação 20% das células ainda não apresentavam um valor superior a 5, o que obrigou a juntar as células da intensidade “nada mais que o habitual” e da intensidade “baixa”.

Tendo por base os dados na Tabela 13 não há uma associação significativa entre *setting* e outras sensações ou emoções agradáveis, $\chi^2 = 6.191$; $p = .402$. No entanto, 37.5% dos indivíduos, no contexto de retiro, refere ter sentido outras sensações ou emoções agradáveis de intensidade “muito elevada”. Nos contextos

social/recreacional e terapêutico/clínico, 38.7% e 35.6%, respectivamente, mencionaram a intensidade “elevada”.

Com base na Tabela 13, identifica-se as intensidades de relevo como sendo as “elevada” e “muito elevada”. Uma vez mais, independentemente de não haver uma associação, estas duas variáveis, de acordo com a literatura, estão relacionadas positivamente (Agin-Liebes et al., 2020; Carhart-Harris et al., 2014; Carhart-Harris et al., 2016; Carbonaro et al., 2016; Golden et al., 2022; Harman et al., 1966; Hartogsohn, 2016; Johnson et al., 2008; Kaelen et al., 2018; Ketner et al., 2021; Leary et al., 1963; Mason, 2019; Palmer & Maynard, 2022; Pahnke, 1970; Pontual et al., 2022; Ross, 2018).

Tabela 13

Estudo de associação entre o setting e outras sensações ou emoções agradáveis

<i>Setting</i>	Intensidade baixa		Intensidade moderada		Intensidade elevada		Intensidade muito elevada	
	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
		espera		esper		esper		esper
		do		ado		ado		ado
Retiro	13	17.2	18	18.1	34	36.7	39	32.0
Social/recreacional	13	12.4	14	13.1	29	26.5	19	23.1
Terapêutico/clínico	11	7.4	7	7.8	16	15.9	11	13.9

No contexto de retiro, as intensidades "baixa" e "elevada" apresentaram valores observados abaixo dos esperados, enquanto na intensidade "moderada," os valores observados foram semelhantes aos esperados. Notavelmente, na intensidade "elevada," o valor observado superou o esperado.

Quanto ao contexto social/recreacional, apenas na intensidade "elevada" os valores observados ficaram aquém do esperado, enquanto em todas as outras intensidades, os valores observados superaram os esperados.

No âmbito do contexto terapêutico/clínico, na intensidade "elevada," o valor observado excedeu o valor esperado. Nas intensidades "moderada" e "elevada," os valores foram semelhantes aos esperados, e na intensidade "baixa," o valor observado foi superior ao esperado.

Concluída esta análise, os resultados deste estudo indicam que o *setting* não apresenta uma associação significativa. Curiosamente, esta conclusão contraria a tendência observada na literatura, que geralmente sugere o contrário (Agin-Liebes et al., 2020; Carhart-Harris et al., 2014; Carhart-Harris et al., 2016; Carbonaro et al., 2016; Golden et al., 2022; Harman et al., 1966; Hartogsohn, 2016; Johnson et al., 2008; Kaelen et al., 2018; Ketner et al., 2021; Leary et al., 1963; Mason, 2019; Palmer & Maynard, 2022; Pahnke, 1970; Pontual et al., 2022; Ross, 2018).

Conclusão

Um dos resultados mais evidentes que emergem neste estudo é a ausência de associação significativa entre o *setting* e a maioria dos efeitos subjetivos avaliados, com uma exceção, a relativa às "outras sensações ou emoções difíceis".

Isto sugere que, na maioria dos casos, o contexto em que a experiência psicadélica ocorre não se associa de forma estatisticamente significativa aos efeitos

subjetivos agudos, nomeadamente as alterações da percepção, o bem-estar, a compaixão/empatia e outras sensações ou emoções positivas. No entanto, esse padrão contrasta com o que é frequentemente documentado na literatura, que tende a destacar a importância do *setting* na modelagem desses efeitos.

Uma conclusão que é possível retirar deste cenário é que a otimização de uma experiência psicadélica positiva parece depender mais de outros fatores, como o *set* e a dosagem adequada e qualidade da substância. Estes elementos continuam a ser considerados críticos para uma experiência psicadélica benéfica, independentemente da ausência de associações significativas encontradas neste estudo.

Entretanto, é importante salientar que os resultados obtidos nesta pesquisa são diversos quando comparados à literatura consultada. Uma possível explicação para essa divergência está relacionada com possíveis deficiências metodológicas neste estudo específico. Uma delas pode ser a carência de uma avaliação detalhada do ambiente, o *setting*, através do questionário utilizado. Pode ocorrer que as perguntas não tenham abordado de forma abrangente todos os elementos do ambiente que têm a capacidade de influenciar as respostas subjetivas. Além disso, o contexto clínico utilizado nas análises laboratoriais e a sua natureza relativamente recente podem ter contribuído para a ausência de associações significativas. As configurações clínicas podem não refletir adequadamente os ambientes mais diversos em que as pessoas consomem substâncias psicadélicas.

Outra possibilidade é a de que a combinação das variáveis de diferentes contextos e das respostas no estudo possa ter levado à perda de rigor e qualidade dos dados, obscurecendo assim potenciais associações significativas.

Adicionalmente, este estudo baseou-se nas memórias dos participantes em relação às suas experiências com psicadélicos. A precisão das recordações pode ser

variável, e os participantes podem enfrentar dificuldades ao lembrar detalhes precisos das suas experiências, o que pode impactar a qualidade dos dados.

Outra limitação importante é que este estudo não exerceu um controle direto sobre fatores como dosagem, pureza ou tipo de substâncias psicadélicas usadas pelos participantes. Esses fatores podem ter um impacto significativo nas experiências psicadélicas e não foram objeto de controle neste estudo.

Por último, a abordagem quantitativa deste estudo pode não reunir integralmente a riqueza e subjetividade das experiências psicadélicas. A pesquisa poderia ter beneficiado da inclusão de métodos qualitativos para explorar narrativas mais detalhadas dos participantes. Essas limitações devem ser consideradas ao interpretar os resultados e planejar futuras pesquisas na área.

Em suma, o principal objetivo deste estudo foi o de explorar as experiências psicadélicas, focando-se onde e em que contextos essas experiências psicadélicas ocorrem, na descrição dos efeitos subjetivos agudos e no estudo da associação entre estas duas variáveis.

Interessava perceber de que forma estes fatores interagem e se os contextos se associam à experiência subjetiva.

Isso pode ser fundamental para uma compreensão mais completa e informada dessas experiências, bem como para orientar futuras investigações e intervenções neste campo.

Os resultados deste estudo ressaltam que o *setting* não está diretamente relacionado aos efeitos subjetivos, sugerindo que essas variáveis são independentes entre si. A única associação significativa identificada foi entre o *setting* e as "outras sensações ou emoções difíceis." Esta descoberta sugere que as experiências em retiros

podem gerar sensações difíceis mais intensas em comparação com outros contextos, devido, por exemplo, a falta de apoio, preparação, conforto, entre outros, o que pode ser relevante ao considerar-se o uso terapêutico ou recreativo de psicadélicos. Foi notado que, nos contextos de retiro, terapêutico/clínico e social/recreativo, ocorriam comumente alterações na percepção, no bem-estar, na compaixão/empatia, além de outras sensações ou emoções desafiadoras e agradáveis. No entanto, é relevante destacar que somente no contexto social/recreativo não foram relatadas "outras sensações ou emoções difíceis".

O estudo também ressaltou a variabilidade das experiências psicadélicas entre os indivíduos, mesmo quando expostos às mesmas substâncias e contextos. Isso destaca a complexidade dessas experiências e a importância dos fatores individuais que, como referimos, não foram avaliados neste estudo e que deveriam ser analisados em futuras investigações.

Referências

Aday, J. S., Davis, A. K., Mitzkovitz, C. M., Bloesch, E. K., & Davoli, C. C. (2021). Predicting Reactions to Psychedelic Drugs: A Systematic Review of States and Traits Related to Acute Drug Effects. *ACS Pharmacology & Translational Science*, 4(2), 424–435. <https://doi.org/10.1021/acscptsci.1c00014>

Agin-Liebes, G. I., Malone, T., Yalch, M. M., Mennenga, S. E., Ponté, K. L., Guss, J., Bossis, A. P., Grigsby, J., Fischer, S., & Ross, S. (2020). Long-term follow-up of psilocybin-assisted psychotherapy for psychiatric and existential distress in patients with life-threatening cancer. *Journal of Psychopharmacology*, 34(2), 155–166. <https://doi.org/10.1177/0269881119897615>

Barrett, F. S., Bradstreet, M. P., Leoutsakos, J.-M. S., Johnson, M. W., & Griffiths, R. R. (2016). The Challenging Experience Questionnaire: Characterization of challenging experiences with psilocybin mushrooms. *Journal of Psychopharmacology*, 30(12), 1279–1295. <https://doi.org/10.1177/0269881116678781>

Barrett, F. S., Carbonaro, T. M., Hurwitz, E., Johnson, M. W., & Griffiths, R. R. (2018). Double-blind comparison of the two hallucinogens psilocybin and dextromethorphan: effects on cognition. *Psychopharmacology*, 235(10), 2915–2927. <https://doi.org/10.1007/s00213-018-4981-x>

Belser, A. B., Agin-Liebes, G., Swift, T. C., Terrana, S., Devenot, N., Friedman, H. L., Guss, J., Bossis, A., & Ross, S. (2017). Patient Experiences of Psilocybin-Assisted Psychotherapy: An Interpretative Phenomenological Analysis. *Journal of Humanistic Psychology*, 57(4), 354–388. <https://doi.org/10.1177/0022167817706884>

Caiulabate, B., & Clancy Cavnar. (2014a). *Ayahuasca shamanism in the Amazon and beyond*. Oxford University Press.

Caiulabate, B., & Clancy Cavnar. (2014b). *The Therapeutic Use of Ayahuasca*. Berlin, Heidelberg Springer Berlin Heidelberg.

Carbonaro, T. M., Bradstreet, M. P., Barrett, F. S., MacLean, K. A., Jesse, R., Johnson, M. W., & Griffiths, R. R. (2016). Survey study of challenging experiences after ingesting psilocybin mushrooms: Acute and enduring positive and negative consequences. *Journal of Psychopharmacology*, 30(12), 1268–1278. <https://doi.org/10.1177/0269881116662634>

Carbonaro, T. M., Johnson, M. W., & Griffiths, R. R. (2020). Subjective features of the psilocybin experience that may account for its self-administration by humans: a double-blind comparison of psilocybin and dextromethorphan. *Psychopharmacology*, 237(8), 2293–2304. <https://doi.org/10.1007/s00213-020-05533-9>

Carhart-Harris, R. L., Bolstridge, M., Day, C. M. J., Rucker, J., Watts, R., Erritzoe, D. E., Kaelen, M., Giribaldi, B., Bloomfield, M., Pilling, S., Rickard, J. A., Forbes, B., Feilding, A., Taylor, D., Curran, H. V., & Nutt, D. J. (2017). Psilocybin with psychological support for treatment-resistant depression: six-month follow-up. *Psychopharmacology*, 235(2), 399–408. <https://doi.org/10.1007/s00213-017-4771-x>

Carhart-Harris, R. L., Erritzoe, D., Williams, T., Stone, J. M., Reed, L. J., Colasanti, A., Tyacke, R. J., Leech, R., Malizia, A. L., Murphy, K., Hobden, P., Evans, J., Feilding, A., Wise, R. G., & Nutt, D. J. (2012a). Neural correlates of the psychedelic state as determined by fMRI studies with psilocybin. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 109(6), 2138–2143. <https://doi.org/10.1073/pnas.1119598109>

Carhart-Harris, R. L., Kaelen, M., Bolstridge, M., Williams, T. M., Williams, L. T., Underwood, R., Feilding, A., & Nutt, D. J. (2016). The paradoxical psychological effects of lysergic acid diethylamide (LSD). *Psychological Medicine*, 46(7), 1379–1390. <https://doi.org/10.1017/s0033291715002901>

Carhart-Harris, R. L., Leech, R., Hellyer, P. J., Shanahan, M., Feilding, A., Tagliazucchi, E., Chialvo, D. R., & Nutt, D. (2014). The entropic brain: a theory of conscious states informed by neuroimaging research with psychedelic drugs. *Frontiers in Human Neuroscience*, 8(20). <https://doi.org/10.3389/fnhum.2014.00020>

Carhart-Harris, R. L., Leech, R., Williams, T. M., Erritzoe, D., Abbasi, N., Bargiotas, T., Hobden, P., Sharp, D. J., Evans, J., Feilding, A., Wise, R. G., & Nutt, D. J. (2012b). Implications for psychedelic-assisted psychotherapy: functional magnetic resonance imaging study with psilocybin. *British Journal of Psychiatry*, 200(3), 238–244. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.111.103309>

Carhart-Harris, R. L., Roseman, L., Haijen, E., Erritzoe, D., Watts, R., Branchi, I., & Kaelen, M. (2018). Psychedelics and the essential importance of context. *Journal of Psychopharmacology*, 32(7), 725–731. <https://doi.org/10.1177/0269881118754710>

Carhart-Harris, R., Giribaldi, B., Watts, R., Baker-Jones, M., Murphy-Beiner, A., Murphy, R., Martell, J., Blemings, A., Erritzoe, D., & Nutt, D. J. (2021). Trial of Psilocybin versus Escitalopram for Depression. *New England Journal of Medicine*, 384(15), 1402–1411. <https://doi.org/10.1056/nejmoa2032994>

Carhart-Harris, R., & Nutt, D. (2017). Serotonin and brain function: a tale of two receptors. *Journal of Psychopharmacology*, 31(9), 1091–1120. <https://doi.org/10.1177/0269881117725915>

Davis, A. K., Barrett, F. S., May, D. G., Cosimano, M. P., Sepeda, N. D., Johnson, M. W., Finan, P. H., & Griffiths, R. R. (2020). Effects of Psilocybin-Assisted Therapy on Major Depressive Disorder. *JAMA Psychiatry*, 78(5). <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2020.3285>

Dollar, C. B. (2021). Recreation and Realization: Reported Motivations of Use Among Persons Who Consume Psychedelics in Non-Clinical Settings. *Journal of Qualitative Criminal Justice & Criminology*. <https://doi.org/10.21428/88de04a1.cb6fef95>

Duerler, P., Schilbach, L., Stämpfli, P., Vollenweider, F. X., & Preller, K. H. (2020). LSD-induced increases in social adaptation to opinions similar to one's own are associated with stimulation of serotonin receptors. *Scientific Reports*, 10(1). <https://doi.org/10.1038/s41598-020-68899-y>

Gasser, P., Holstein, D., Michel, Y., Doblin, R., Yazar-Klosinski, B., Passie, T., & Brenneisen, R. (2014). Safety and Efficacy of Lysergic Acid Diethylamide-Assisted Psychotherapy for Anxiety Associated With Life-threatening Diseases. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 202(7), 513–520. <https://doi.org/10.1097/nmd.000000000000113>

Gaston, E. T., & Eagle, C. T. (1970). The Function of Music in LSD Therapy for Alcoholic Patients. *Journal of Music Therapy*, 7(1), 3–19. <https://doi.org/10.1093/jmt/7.1.3>

Golden, T. L., Magsamen, S., Sandu, C. C., Lin, S., Roebuck, G. M., Shi, K. M., & Barrett, F. S. (2022). Effects of Setting on Psychedelic Experiences, Therapies, and Outcomes: A Rapid Scoping Review of the Literature. *Disruptive Psychopharmacology*, 56, 35–70. https://doi.org/10.1007/7854_2021_298

Goodwin, G. M., Aaronson, S. T., Alvarez, O., Atli, M., Bennett, J. C., Croal, M., DeBattista, C., Dunlop, B. W., Feifel, D., Hellerstein, D. J., Husain, M. I., Kelly, J. R., Lennard-Jones, M. R., Licht, R. W., Marwood, L., Mistry, S., Páleníček, T., Redjep, O., Repantis, D., & Schoevers, R. A. (2023). Single-dose psilocybin for a treatment-resistant episode of major depression: Impact on patient-reported depression severity, anxiety, function, and quality of life. *Journal of Affective Disorders*, 327, 120–127. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2023.01.108>

Griffiths, R. R., Johnson, M. W., Carducci, M. A., Umbricht, A., Richards, W. A., Richards, B. D., Cosimano, M. P., & Klinedinst, M. A. (2016). Psilocybin produces substantial and sustained decreases in depression and anxiety in patients with life-threatening cancer: A randomized double-blind trial. *Journal of Psychopharmacology*, 30(12), 1181–1197. <https://doi.org/10.1177/0269881116675513>

Haijen, E. C. H. M., Kaelen, M., Roseman, L., Timmermann, C., Kettner, H., Russ, S., Nutt, D., Daws, R. E., Hampshire, A. D. G., Lorenz, R., & Carhart-Harris, R. L. (2018). Predicting Responses to Psychedelics: A Prospective Study. *Frontiers in Pharmacology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fphar.2018.00897>

Halberstadt, A. L. (2015). Recent advances in the neuropsychopharmacology of serotonergic hallucinogens. *Behavioural Brain Research*, 277, 99–120. <https://doi.org/10.1016/j.bbr.2014.07.016>

Harman, W. W., McKim, R. H., Mogar, R. E., Fadiman, J., & Stolaroff, M. J. (1966). Psychedelic Agents in Creative Problem-Solving: A Pilot Study. *Psychological Reports*, 19(1), 211–227. <https://doi.org/10.2466/pr0.1966.19.1.211>

Hartogsohn, I. (2016). Set and setting, psychedelics and the placebo response: An extra-pharmacological perspective on psychopharmacology. *Journal of*

Psychopharmacology, 30(12), 1259–1267.

<https://doi.org/10.1177/0269881116677852>

Healy, C. J. (2021). The acute effects of classic psychedelics on memory in humans. *Psychopharmacology*, 238(3), 639–653. <https://doi.org/10.1007/s00213-020-05756-w>

Hirschfeld, T., Prugger, J., Majić, T., & Schmidt, T. T. (2023). Dose-response relationships of LSD-induced subjective experiences in humans. *Neuropsychopharmacology: Official Publication of the American College of Neuropsychopharmacology*. <https://doi.org/10.1038/s41386-023-01588-2>

Johnson, M. W., Garcia-Romeu, A., Cosimano, M. P., & Griffiths, R. R. (2014). Pilot study of the 5-HT_{2A}R agonist psilocybin in the treatment of tobacco addiction. *Journal of Psychopharmacology*, 28(11), 983–992. <https://doi.org/10.1177/0269881114548296>

Johnson, M. W., Garcia-Romeu, A., & Griffiths, R. R. (2016). Long-term follow-up of psilocybin-facilitated smoking cessation. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 43(1), 55–60. <https://doi.org/10.3109/00952990.2016.1170135>

Johnson, M. W., Hendricks, P. S., Barrett, F. S., & Griffiths, R. R. (2019). Classic psychedelics: An integrative review of epidemiology, therapeutics, mystical experience, and brain network function. *Pharmacology & Therapeutics*, 197, 83–102. <https://doi.org/10.1016/j.pharmthera.2018.11.010>

Johnson, M., Richards, W., & Griffiths, R. (2008). Human hallucinogen research: guidelines for safety. *Journal of Psychopharmacology*, 22(6), 603–620. <https://doi.org/10.1177/0269881108093587>

Jones, G., Lipson, J., & Nock, M. K. (2022). Associations between classic psychedelics and nicotine dependence in a nationally representative sample. *Scientific Reports*, 12(1). <https://doi.org/10.1038/s41598-022-14809-3>

Kaelen, M., Giribaldi, B., Raine, J., Evans, L., Timmerman, C., Rodriguez, N., Roseman, L., Feilding, A., Nutt, D., & Carhart-Harris, R. (2018). The hidden therapist: evidence for a central role of music in psychedelic therapy. *Psychopharmacology*, 235(2), 505–519. <https://doi.org/10.1007/s00213-017-4820-5>

Kaelen, M., Roseman, L., Kahan, J., Santos-Ribeiro, A., Orban, C., Lorenz, R., Barrett, F. S., Bolstridge, M., Williams, T., Williams, L., Wall, M. B., Feilding, A., Muthukumaraswamy, S., Nutt, D. J., & Carhart-Harris, R. (2016). LSD modulates music-induced imagery via changes in parahippocampal connectivity. *European Neuropsychopharmacology*, 26(7), 1099–1109. <https://doi.org/10.1016/j.euroneuro.2016.03.018>

Kettner, H., Rosas, F. E., Timmermann, C., Kärtner, L., Carhart-Harris, R. L., & Roseman, L. (2021). Psychedelic Communitas: Intersubjective Experience During Psychedelic Group Sessions Predicts Enduring Changes in Psychological Wellbeing and Social Connectedness. *Frontiers in Pharmacology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fphar.2021.623985>

Kiraga, M. K., Kuypers, K. P. C., Uthaug, M. V., Ramaekers, J. G., & Mason, N. L. (2022). *Persisting decreases in state and trait anxiety post-psilocybin: A naturalistic, observational study among retreat attendees.* <https://doi.org/10.1101/2022.03.02.22271743>

Lawn, W., Hallak, J. E., Crippa, J. A., Dos Santos, R., Porffy, L., Barratt, M. J., Ferris, J. A., Winstock, A. R., & Morgan, C. J. A. (2017). Well-being, problematic alcohol consumption and acute subjective drug effects in past-year ayahuasca users: a

large, international, self-selecting online survey. *Scientific Reports*, 7(1), 1–10.

<https://doi.org/10.1038/s41598-017-14700-6>

Leary, T., Litwin, G. H., & Metzner, R. (1963). Reactions To Psilocybin Administered in a Supportive Environment. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 137(6), 561–573. <https://doi.org/10.1097/00005053-196312000-00007>

MacLean, K. A., Johnson, M. W., & Griffiths, R. R. (2011). Mystical experiences occasioned by the hallucinogen psilocybin lead to increases in the personality domain of openness. *Journal of Psychopharmacology*, 25(11), 1453–1461. <https://doi.org/10.1177/0269881111420188>

Mason, N. L., Mischler, E., Uthaug, M. V., & Kuypers, K. P. C. (2019). Sub-Acute Effects of Psilocybin on Empathy, Creative Thinking, and Subjective Well-Being. *Journal of Psychoactive Drugs*, 51(2), 123–134. <https://doi.org/10.1080/02791072.2019.1580804>

Mithoefer, M. C., Grob, C. S., & Brewerton, T. D. (2016). Novel psychopharmacological therapies for psychiatric disorders: psilocybin and MDMA. *The Lancet Psychiatry*, 3(5), 481–488. [https://doi.org/10.1016/s2215-0366\(15\)00576-3](https://doi.org/10.1016/s2215-0366(15)00576-3)

Nichols, D. E. (2004). Hallucinogens. *Pharmacology & Therapeutics*, 101(2), 131–181. <https://doi.org/10.1016/j.pharmthera.2003.11.002>

Nichols, D. E. (2016). Psychedelics. *Pharmacological Reviews*, 68(2), 264–355. <https://doi.org/10.1124/pr.115.011478>

Noorani, T., Garcia-Romeu, A., Swift, T. C., Griffiths, R. R., & Johnson, M. W. (2018). Psychedelic therapy for smoking cessation: Qualitative analysis of participant accounts. *Journal of Psychopharmacology (Oxford, England)*, 32(7), 756–769. <https://doi.org/10.1177/0269881118780612>

Osmond, H. (1957). A review of the clinical effects of psychotomimetic agents. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 66(3), 418–434. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1957.tb40738.x>

Pahnke, W. N. (1970). The Experimental Use of Psychedelic (LSD) Psychotherapy. *JAMA: The Journal of the American Medical Association*, 212(11), 1856. <https://doi.org/10.1001/jama.1970.03170240060010>

Palmer, M., & Maynard, O. M. (2022). Are you tripping comfortably? Investigating the relationship between harm reduction and the psychedelic experience. *Harm Reduction Journal*, 19(1). <https://doi.org/10.1186/s12954-022-00662-0>

Passie, T. (2018). The early use of MDMA (“Ecstasy”) in psychotherapy (1977–1985). *Drug Science, Policy and Law*, 4, 205032451876744. <https://doi.org/10.1177/2050324518767442>

Perkins, D., Schubert, V., Simonová, H., Tófoli, L. F., Bouso, J. C., Horák, M., Galvão-Coelho, N. L., & Sarris, J. (2021). Influence of Context and Setting on the Mental Health and Wellbeing Outcomes of Ayahuasca Drinkers: Results of a Large International Survey. *Frontiers in Pharmacology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fphar.2021.623979>

Pollan, M. (2020). *Como Mudar a Sua Mente: O que a Nova Ciência dos Psicadélicos nos ensina sobre Consciência, Morrer, Dependência, Depressão e Transcendência*. (1st ed.). Prime Books. (Original work published 2018)

Pontual, A. A. de D., Tófoli, L. F., Corradi-Webster, C. M., van Oorsouw, K., Delgado, A. R. O., & Ramaekers, J. G. (2022). The influence of ceremonial settings on mystical and challenging experiences occasioned by ayahuasca: A survey among

ritualistic and religious ayahuasca users. *Frontiers in Psychology*, 13.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.857372>

Roseman, L., Ron, Y., Saca, A., Ginsberg, N., Luan, L., Karkabi, N., Doblin, R., & Carhart-Harris, R. (2021). Relational Processes in Ayahuasca Groups of Palestinians and Israelis. *Frontiers in Pharmacology*, 12.
<https://doi.org/10.3389/fphar.2021.607529>

Ross, S. (2018). Therapeutic use of classic psychedelics to treat cancer-related psychiatric distress. *International Review of Psychiatry*, 30(4), 317–330.
<https://doi.org/10.1080/09540261.2018.1482261>

Ross, S., Bossis, A., Guss, J., Agin-Liebes, G., Malone, T., Cohen, B., Mennenga, S. E., Belser, A., Kalliontzi, K., Babb, J., Su, Z., Corby, P., & Schmidt, B. L. (2016). Rapid and sustained symptom reduction following psilocybin treatment for anxiety and depression in patients with life-threatening cancer: A randomized controlled trial. *Journal of Psychopharmacology*, 30(12), 1165–1180.
<https://doi.org/10.1177/0269881116675512>

Rucker, J. J. H., Iliff, J., & Nutt, D. J. (2018). Psychiatry & the psychedelic drugs. Past, present & future. *Neuropharmacology*, 142, 200–218.
<https://doi.org/10.1016/j.neuropharm.2017.12.040>

Santos, R. G., Osório, F. L., Crippa, J. A. S., & Hallak, J. E. C. (2016). Classical hallucinogens and neuroimaging: A systematic review of human studies. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 71, 715–728.
<https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2016.10.026>

Schultes, R. E., Hofmann, A., & Rätsch, C. (2015). *Plants of the Gods*. CreateSpace.

Sepeda, N. D., Clifton, J. M., Doyle, L. Y., Lancelotta, R., Griffiths, R. R., & Davis, A. K. (2019). Inhaled 5-methoxy-N,N-dimethyltryptamine: Supportive context associated with positive acute and enduring effects. *Journal of Psychedelic Studies*, 4(2), 1–9. <https://doi.org/10.1556/2054.2019.033>

Simonsson, O., Hendricks, P. S., Chambers, R., Osika, W., & Goldberg, S. B. (2023). Prevalence and associations of challenging, difficult or distressing experiences using classic psychedelics. *Journal of Affective Disorders*, 326, 105–110. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2023.01.073>

Strassman, R. J. (1995). Human psychopharmacology of N,N-dimethyltryptamine. *Behavioural Brain Research*, 73(1-2), 121–124. [https://doi.org/10.1016/0166-4328\(96\)00081-2](https://doi.org/10.1016/0166-4328(96)00081-2)

Studerus, E., Gamma, A., Kometer, M., & Vollenweider, F. X. (2012). Prediction of Psilocybin Response in Healthy Volunteers. *PLoS ONE*, 7(2), e30800. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0030800>

Swift, T. C., Belser, A. B., Agin-Liebes, G., Devenot, N., Terrana, S., Friedman, H. L., Guss, J., Bossis, A. P., & Ross, S. (2017). Cancer at the Dinner Table: Experiences of Psilocybin-Assisted Psychotherapy for the Treatment of Cancer-Related Distress. *Journal of Humanistic Psychology*, 57(5), 488–519. <https://doi.org/10.1177/0022167817715966>

Taylor, J. H., Landeros-Weisenberger, A., Coughlin, C., Mulqueen, J., Johnson, J. A., Gabriel, D., Reed, M. O., Jakubovski, E., & Bloch, M. H. (2017). Ketamine for Social Anxiety Disorder: A Randomized, Placebo-Controlled Crossover Trial. *Neuropsychopharmacology*, 43(2), 325–333. <https://doi.org/10.1038/npp.2017.194>

Turton, S., Nutt, D. J., & Carhart-Harris, R. L. (2015). A Qualitative Report on the Subjective Experience of Intravenous Psilocybin Administered in an fMRI Environment. *Current Drug Abuse Reviews*, 7(2), 117–127. <https://doi.org/10.2174/1874473708666150107120930>

van Elk, M., & Yaden, D. B. (2022). Pharmacological, neural, and psychological mechanisms underlying psychedelics: A critical review. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 140, 104793. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2022.104793>

Vollenweider, F. X., & Kometer, M. (2010). The neurobiology of psychedelic drugs: implications for the treatment of mood disorders. *Nature Reviews Neuroscience*, 11(9), 642–651. <https://doi.org/10.1038/nrn2884>

Vollenweider, F. X., & Preller, K. H. (2020). Psychedelic drugs: neurobiology and potential for treatment of psychiatric disorders. *Nature Reviews Neuroscience*, 21(11), 611–624. <https://doi.org/10.1038/s41583-020-0367-2>

Watts, R., Day, C., Krzanowski, J., Nutt, D., & Carhart-Harris, R. (2017). Patients' Accounts of Increased "Connectedness" and "Acceptance" After Psilocybin for Treatment-Resistant Depression. *Journal of Humanistic Psychology*, 57(5), 520–564. <https://doi.org/10.1177/0022167817709585>

Weil, A. (2004). *The natural mind: a revolutionary approach to the drug problem*. Houghton Mifflin Co.

Wießner, I., Falchi, M., Dimitri Daldegan-Bueno, Palhano-Fontes, F., Olivieri, R., Feilding, A., Araujo, D. B., Ribeiro, S., Natália Bezerra Mota, & Luís Fernando Tófoli. (2023). LSD and language: Decreased structural connectivity, increased semantic similarity, changed vocabulary in healthy individuals. *European*

Neuropsychopharmacology,

68,

89–104.

<https://doi.org/10.1016/j.euroneuro.2022.12.013>

ANEXOS

Anexo A

Proposta de Dissertação à Comissão de Ética



2º CICLO OU MESTRADO
PROPOSTA SUMÁRIA DE DISSERTAÇÃO / TRABALHO DE PROJETO

Ano Letivo


2022/2023

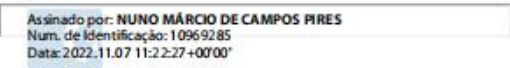
1. PARECER DO COORDENADOR DE CURSO	2. DESPACHO DA DIREÇÃO DA FACULDADE
<p>Projeto adequado à área científica do curso:</p> <p>Orientador proposto: <input type="text"/></p> <p>Coorientador proposto: <input type="text"/></p> <p>Necessidade de adequação do título</p> <p>Projeto a reformular com vista à sua adequação às linhas temáticas e de investigação</p> <p>Proposta de trabalho a submeter à Comissão de Ética UFP</p> <p>Justificação:</p> <div style="border: 1px solid black; height: 100px; width: 100%;"></div> <p>Assinatura: <input type="text"/></p> <p>Data: <input type="text"/> / <input type="text"/> / <input type="text"/></p>	<div style="border: 1px solid black; height: 150px; width: 100%;"></div> <p>Assinatura: <input type="text"/></p> <p>Data: <input type="text"/> / <input type="text"/> / <input type="text"/></p> <p>C.C.: <input type="text"/></p>
3. IDENTIFICAÇÃO DO ESTUDANTE	
<p>NOME COMPLETO: <input type="text" value="Pedro António dos Santos Ferreira Gomes"/> NÚMERO: <input type="text" value="38163"/></p> <p>CURSO (Escolher): <input type="text"/></p> <p>RAMO (Se aplicável): <input type="text" value="Psicologia Clínica e da Saúde"/></p>	
4. LINHA DE INVESTIGAÇÃO E ORIENTAÇÃO	
<p>LINHA TEMÁTICA EM QUE SE INSERE O PROJETO: <input type="text" value="Psicadélicos: Novos Horizontes para a Saúde Mental"/></p> <p><i>(quando aplicável, consultar a lista disponibilizada pela Coordenação de Curso)</i></p>	

ORIENTADOR RESPONSÁVEL PELA LINHA TEMÁTICA:	Sónia Pimentel Alves	
ORIENTADOR CONTACTADO PREVIAMENTE PELO ESTUDANTE (Não se aplica à FCS):	X Sim	Não

5. PROPOSTA DE DISSERTAÇÃO / TRABALHO DE PROJETO	
TÍTULO:	Experiências Com Psicadélicos: Setting e Efeitos Subjetivos Agudos.
RESUMO DO ESTUDO A DESENVOLVER:	
<p>Há muitos anos que o contexto e os fatores psicológicos têm uma grande ênfase no uso de psicadélicos durante as cerimónias entre povos indígenas (Labate, 2014; Loizaga-Velder and Verres, 2014; Nettl, 1956; Tupper and Labate, 2014).</p> <p>O primeiro período de investigação, que ocorreu durante os anos 1950-60, foi focado nas substâncias psicadélicas, sendo o contexto em que elas eram tomadas ganhou extrema importância (Carhart-Harris et al., 2018). Os termos set e setting foram integrados por Timothy Leary, que os utilizou para mencionar as diversas variáveis psicológicas e ambientais numa experiência psicadélica (Leary et al., 1963); sendo o set as expectativas, suposições e outros fatores psicologicamente pré-existentes que traz para a experiência e o setting ser o ambiente e contexto no qual ocorre (Hartogsohn, 2016; 2017; Leary et al., 1963).</p> <p>Com o passar dos anos temos vindo a assistir ao renascimento da investigação revelando resultados otimistas. Segundo Mason et al., (2019), no estudo sobre os efeitos sub-agudos de psilocibina na empatia, no pensamento criativo e no bem-estar subjetivo, existe uma correlação positiva média/forte entre as mudanças implícitas e explícitas na empatia emocional perante estímulos positivos e mudanças na satisfação com a vida. Mais concretamente, as mudanças no entusiasmo perante imagens de pessoas num ânimo positivo e as mudanças na satisfação com a vida também aumentaram (Mason et al., 2019). Também foi observado que a relação do paciente com a música que ouve durante as sessões de terapia psilocibina tem uma forte probabilidade de vir a influenciar a qualidade da sua experiência a longo prazo (Kaelen et al., 2017). Todos estes efeitos positivos fazem salientar o potencial terapêutico dos psicadélicos em diversas condições clínicas e o seu interesse para a melhoria do bem-estar subjetivo na população em geral.</p> <p>Neste contexto, a presente investigação tem o intuito de conhecer os contextos nos quais os consumos destas substâncias ocorrem, conhecer os efeitos subjetivos agudos e perceber se o setting está associado aos efeitos subjetivos.</p> <p>A amostra ficará constituída por pessoas de idade adulta que, durante o último ano, tiveram uma experiência psicadélica e às quais será pedido - através de questionário online - para referirem o contexto no qual essa experiência ocorreu e quais os efeitos subjetivos agudos experienciados. Os dados serão analisados quantitativamente.</p>	
Nº de palavras do resumo (máx. = 500): <input type="text" value="371"/>	
Baseado apenas em pesquisa bibliográfica <input type="checkbox"/> X Envolverá pesquisa/inquéritos/recolha de dados <input checked="" type="checkbox"/>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CONSIDERADAS MAIS IMPORTANTES PARA APOIAR A INVESTIGAÇÃO:	
1.	Carhart-Harris, R. L., Roseman, L., Haijen, E., Erritzoe, D., Watts, R., Branchi, I., & Kaelen, M. (2018). Psychedelics and the essential importance of context. <i>Journal of Psychopharmacology (Oxford, England)</i> , 32(7), 725-731. https://doi.org/10.1177/026981118754710
2.	Golden, T. L., Magsamen, S., Sandu, C. C., Lin, S., Roebuck, G. M., Shi, K. M., & Barrett, F. S. (2022). Effects of setting on psychedelic experiences, therapies, and outcomes: A rapid scoping review of the literature. <i>Current Topics in Behavioral Neurosciences</i> , 56, 35-70. https://doi.org/10.1007/7854_2021_298
3.	Mason, N. L., Mischler, E., Uthaug, M. V., & Kuypers, K. P. C. (2019). Sub-acute effects of psilocybin on empathy, creative thinking, and subjective well-being. <i>Journal of Psychoactive Drugs</i> , 51(2), 123-134. https://doi.org/10.1080/02791072.2019.1580804

6. DECLARAÇÃO DO ESTUDANTE	
A presente proposta de dissertação/trabalho de projeto foi elaborada nos termos das Normas Regulamentares dos Segundos Ciclos de Estudos da UFP em vigor.	
ASSINATURA: <input type="text" value="Sónia Pimentel Alves"/>	Data: <input type="text" value="11"/> / <input type="text" value="10"/> / <input type="text" value="2022"/>

7. DECLARAÇÃO DO DOCENTE ORIENTADOR (Se aplicável)	
Declaro que aceito orientar o(a) estudante acima identificado(a).	
NOME POR EXTENSO:	Sónia Pimentel Alves
ASSINATURA:	
	Data: 13/10/2022

8. DECLARAÇÃO DO DOCENTE COORIENTADOR (Se aplicável)	
Declaro que aceito coorientar o(a) estudante acima identificado(a).	
NOME POR EXTENSO:	Nuno Pires
ASSINATURA:	
	Data: <input type="text"/> / <input type="text"/> / <input type="text"/>

Anexo B

Pedido de Autorização de Acesso à Base de Dados

quarta, 21/06, 15:44

 **Ana B. Ribeiro** <anabribeiro@ufp.edu.pt>
para mim, Sonia ▾
Caro Pedro,

Agradecendo, desde já, o seu interesse no estudo, informo que autorizamos o acesso à base de dados e às variáveis que necessariamente serão relevantes para a execução da sua tese de mestrado. Soltitamos ainda que nos informe caso haja lugar a futuras publicações decorrentes do seu estudo, bem como a inclusão dos nomes dos investigadores que fazem parte do projeto.

Votos de bom trabalho,
Ana Botelho Ribeiro

...

Ana Botelho Ribeiro
Psicóloga | OPP nº 16775
E-mail: anabribeiro@ufp.edu.pt

Clinica Pedagógica de Psicologia
Rua Carlos da Maia, 296
4200-150 Porto
Tlf: 22 507 13 83
E-mail: cppsic@ufp.edu.pt